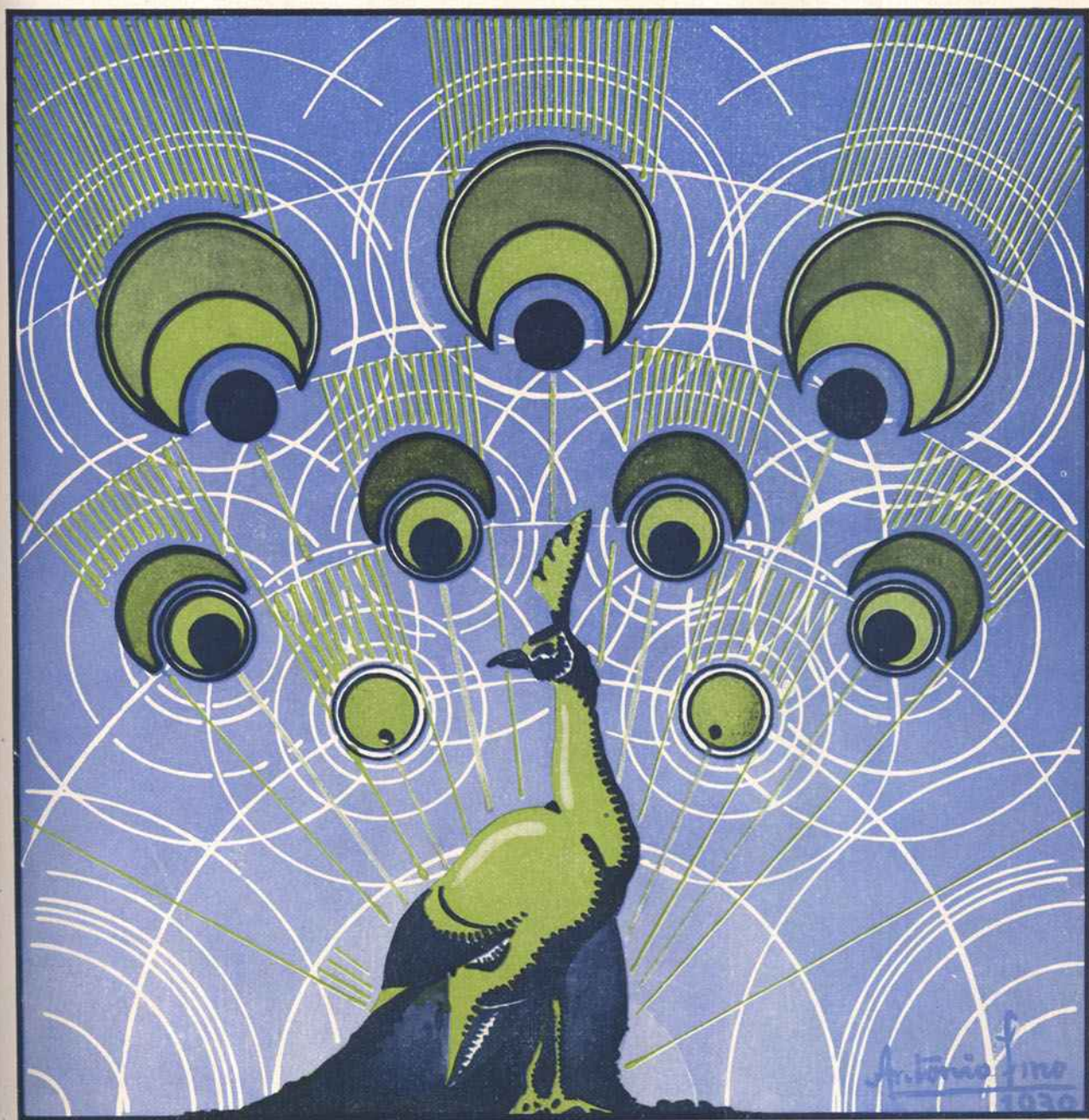


# ILUSTRAÇÃO



A N O  
- 5.º -

Lisboa, 1 de Setembro de 1930

PREÇO - 4\$00

Número  
- 113 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V  
E  
R  
A  
M  
O  
N

60334604



Tubos de  
10 e 20 compr.

## *O seu melhor amigo*

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex<sup>a</sup> de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.



*Chegaram as férias!*

Calmas, maravilhosas férias as que ides gosar este ano, livre de preocupações, de afazeres... E'-vos indispensavel um «Kodak» que fixará para sempre a alegria dos vossos, o pitoresco dos costumes regionais, as encantadoras paisagens.

## A alegria das férias será eterna em fotos "Kodak"

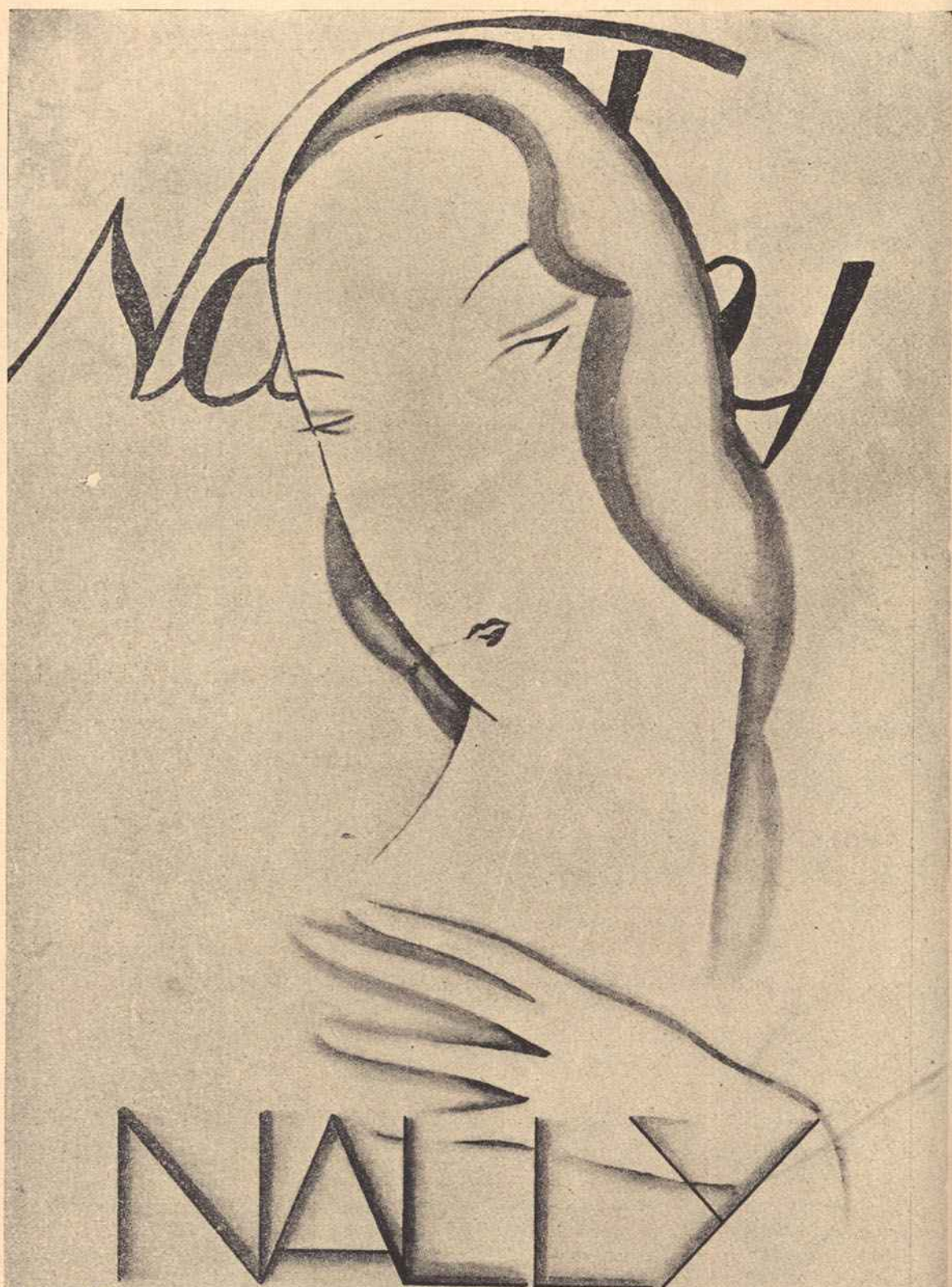
*A Companhia Kodak — a casa que primeiro fabricou aparelhos fotográficos de amador — põe á vossa disposição dezenas de modelos de «Kodaks», simples e económico, que podereis ainda obter facilmente, em dez pequenos pagamentos mensais, pelo Sistema Kodak de Pagamentos por Aluguel!*

«Brownies» desde . . . . . 70\$00  
«Kodaks» desde . . . . . 130\$00



Nos estabelecimentos onde encontrardes esta placa, dar-vos-hão todas as indicações para a escolha do vosso «Kodak», que vos ensinarão a manejar em alguns minutos. Ali podereis adquirir Pelicula «Kodak» — a pelicula de qualidade padrão — e todos os artigos «Kodak».

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa



NALLY

MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA  
OS MELHORES PERFUMES  
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

Ontem, Hoje e Amanhã

# CHRYSLER

Extraordinário em aceleração

Admirável em silencio, comprovada duração  
e diminuto consumo

SEMPRE NA VANGUARDA DO PROGRESSO

CASA FUNDADA EM 1902

Agente geral: **A. BEAUVALET** — Rua 1.º de Dezembro, 137 — **LISBOA**  
NO NORTE: Rua St.ª Catarina, 75 — **PORTO**

Brevemente sairá o

## ALMANACH BERTRAND

Fundado por FERNANDES COSTA e Coordenado por D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tradição de todas as publicações em lingua portuguesa. — **Recreativo, Ameno, Instrutivo.** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 400 págs, cartonado 10\$00  
Encadernado luxuosamente . . . . . 18\$00

À venda em todas as Livrarias

**32.º ANO. 1931**

Pedidos aos editores:

**Livrarias AILLAUD E BERTRAND**

**73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA**



De preparação salina efervescente, sem assucar nem sal mineral purgativo, o "Sal de Fructa" ENO exerce uma acção benéfica, semelhante á dos fructos bem maduros, no estomago e figado tonificando-o, e nos intestinos, que mantem permanentemente limpos. Sessenta anos de verdadeiro successo garantem a sua eficácia.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

**SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"**  
Depositaríios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.  
8, Caes do Sodré, LISBOA.

# ESTABELECIMENTO THERMAL DO PARQUE ESTORIL

## PISCINA

ABERTA TODOS OS DIAS,  
das 7 ás 20 horas, terminando a entrada ás 19 1/2

## CURSOS DE NATAÇÃO

### APRENDIZAGEM

Professor: Ex.<sup>mo</sup> Snr. José TOROK  
Em dias e horas a combinar

### APRENDIZAGEM DE ESTILOS E APERFEIÇOAMENTO

As segundas, quartas e sextas feiras das 18 ás 19 1/2 horas

Este curso é dirigido obsequiosamente  
pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. ESTEVAM TOROK  
e ANTONIO SILVA

### SALTOS CLASSICOS E ARTISTICOS

As terças, quartas e sabad s, das 18 ás 19 horas

Professor obsequioso: Ex.<sup>mo</sup> Sr. EMILE RENO

### INSCRIÇÃO

Todas as pessoas que desejem frequentar qualquer destes cursos  
deverão inscrever-se nas folhas que se encontram na bilheteira.  
Esta inscrição é gratuita.



## OLHAR QUE FASCINA

com o ondulador KURLASH  
das pestanas

Que é um encheio aparelho que permite  
com o *Pará Rodal Cosmetico*, em alguns  
minutos, arquear as pestanas tal como  
nos vemos nas artistas de filmes norte-ameri-  
canos. Transforme as suas pestanas em  
fortes e longas com os produtos VILDI-  
ZIENNE e ondule-as com KURLASH.

## ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.<sup>me</sup> CAMPOS

Peça catálogo gratis e 3 amostras de uso e transforme em 3 dias a  
sua pele numa Beleza incomparavel!



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

# INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua

Peçidos a AILLAUD, L.<sup>a</sup>  
73, Rua Garr. II, 75  
LISBOA

# MAGAZINE BERTRAND

CONTINUA A MANTER  
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE SETEMBRO

## Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

### Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

- |  |                              |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2. <sup>a</sup> edição)           | 16 — Gil Vicente             |
| 2 — Fialho de Almeida (2. <sup>a</sup> edição)               | 17 — Camilo e o Centenário   |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2. <sup>a</sup> edição) | 18 — Júlio Denis             |
| 4 — Alexandre Herculano                                      | 19 — Júlio Dantas            |
| 5 — Gomes Leal   | 20 — Ex-libris               |
| 6 — Eça de Queiroz   | 21 — Sonetos contemporâneos  |
| 7 — Guerra Junqueiro   | 22 — Sá de Miranda           |
| 8 — Eugénio de Castro  | 23 — Nicolau Tolentino       |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal                           | 24 — Garcia de Rezende       |
| 10 — A Batalha (2. <sup>a</sup> edição)                      | 25 — Latino Coelho           |
| 11 — Bocage  | 26 — Soror Mariana           |
| 12 — Marcelino Mesquita                                      | 27 — Ramalho Ortigão         |
| 13 — As mais lindas quadras populares                        | 28 — D. João da Câmara       |
| 14 — António Nobre   | 29 — H. Lopes de Mendonça    |
| 15 — Marquesa de Alorna                                      | 30 — A Cerâmica              |
|  | 31 — Cartas de Soror Mariana |
|  | 32 — Júlio Cesar Machado     |
|  | 33 — Manuel Bernardes        |
|  | 34 — Gonçalves Crespo        |
|  | 35 — Fernão Lopes            |

Preço de cada volume da colecção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.<sup>os</sup> 10 e 11 e nas outras livrarias.

Durante  
o calor



Não se pode absorver impunemente qualquer bebida; ha uma que se deve usar, só ou misturada com vinho. Obtem-se deitando em agua potavel os

### Lithinés de D'Gustin

que vos darão uma agua deliciosa, dissolvente do ácido úrico e combatendo as afeções dos Rins, Fígado, Bexiga, Estomago e Intestinos.



T  
A  
L  
B  
O  
T



T  
A  
L  
B  
O  
T

Durante **2** dias

em exposição um

**8**

cilindros em linha



Uma maravilha da concepção mecânica franceza

Visitem **HOJE E AMANHÃ**

**O NOSSO STAND**

**Seter, L.<sup>da</sup> - R. S. Pedro de Alcantara, 77**

LISBOA

---

---

# Biblioteca de Instrucção Profissional

A mais completa que se publica em lingua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

## **Trabalhos de Carpintaria Civil**

6.<sup>a</sup> edição, revista e ampliada. Trata-se de um volume escrito por uma reconhecida autoridade no campo da construção civil o sr. Engenheiro *João Emilio dos Santos Segurado*.

**394 páginas e 448 gravuras — PREÇO 16\$00**

OUTROS VOLUMES RECENTES:

## **Manual do Condutor de Automóveis**

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

**670 páginas e 715 gravuras — PREÇO 30\$00**

## **FISICA ELEMENTAR**

pelo capitão *Valdez Bandeira*, segundo o programa dessa disciplina nas Escolas Industriais e Comerciais

## **Elementos de História da Arte**

pelo professor e ilustre pintor *J. Ribeiro Christino da Silva*

## **Manual do Torneiro e Frèzador Mecânicos**

NOVA EDIÇÃO

**307 páginas e 372 gravuras — PREÇO 13\$00**

OBRAS NOVAS E NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

**Elementos de projecções — Ferreiro — Vocabulário Técnico**

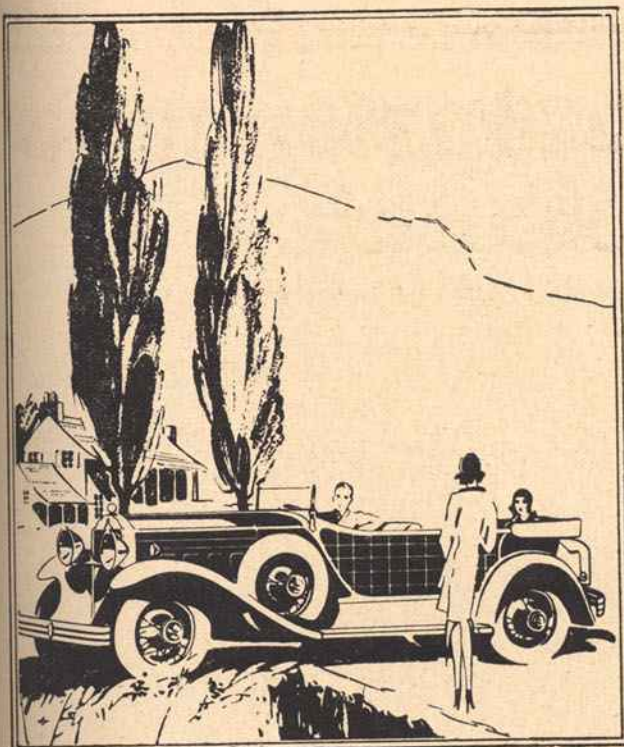
**DIRIGIR PEDIDOS ÀS**

**Livrarias AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

---

---





# WILLYS KNIGHT

O mais  
distinto  
carro  
de 1930

SIMAL

4, Rua Serpa Pinto

(Ao Chiado)

LISBOA

Os bebês de hoje são  
os alicerces  
da raça



Oh, Mães extremosas! Procurem fazer  
com que os seus filhinhos cresçam sa-  
dios, robustos, com toda a vivacidade.

A Maizena Duryea oferece os meios para V. S. pre-  
parar pratos que os bebês acharão deliciosos e que são  
ao mesmo tempo nutritivos e de fácil digestão.

A Maizena Duryea contém os elementos nutritivos  
necessários para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar  
vigor aos delicados músculos que com tanto esforço mal  
aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia  
os seus primeiros passos e que, no entanto, formam a  
verdadeira base do organismo sadio e robusto da criança  
do amanhã.

Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde  
se encontram as receitas de muitos pratos especiais para os  
bebês, além de muitos outros, deliciosos e alimentícios para  
toda a família. Com prazer o enviaremos gratuitamente.

Carlos de Sá Pereira, Limitada

R. Arco Bandeira, 115—LISBOA

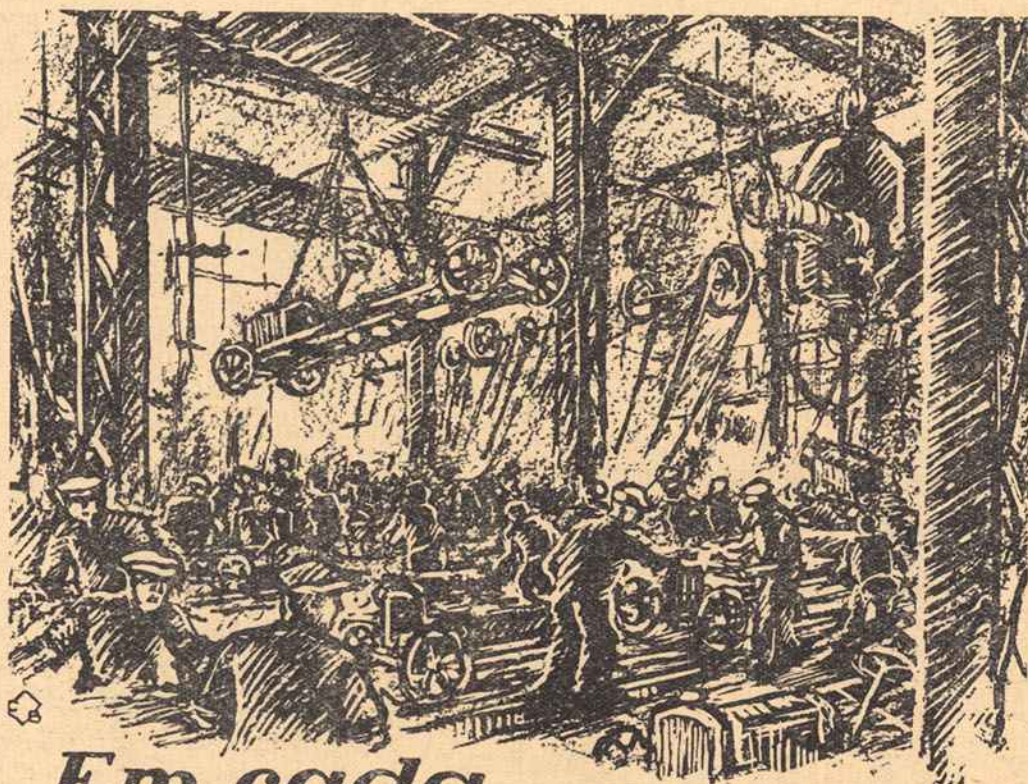


Nome \_\_\_\_\_

Rua e No. \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

# MAIZENA DURYEA



*Em cada  
100 fabricantes de  
automoveis,  
92 aprovam*

Os resultados de uma lubrificação deficiente só são visíveis, quando já não ha remédio.

A côr dos óleos, as suas propriedades físicas e químicas, podem ser, quando muito, provas para estabelecer a sua uniformidade, mas nunca indicam coisa alguma referente à qualidade.

Todos os fabricantes de automóveis sabem isto. É esta uma das principais razões, por que 92 % dos fabricantes americanos aprovam o



**Mobiloil**

*Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações*

VACUUM OIL COMPANY

*Productores da Gazolina "AUTO-GAZO."*

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)  
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 113

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOSÉ CARLOS DA SILVA

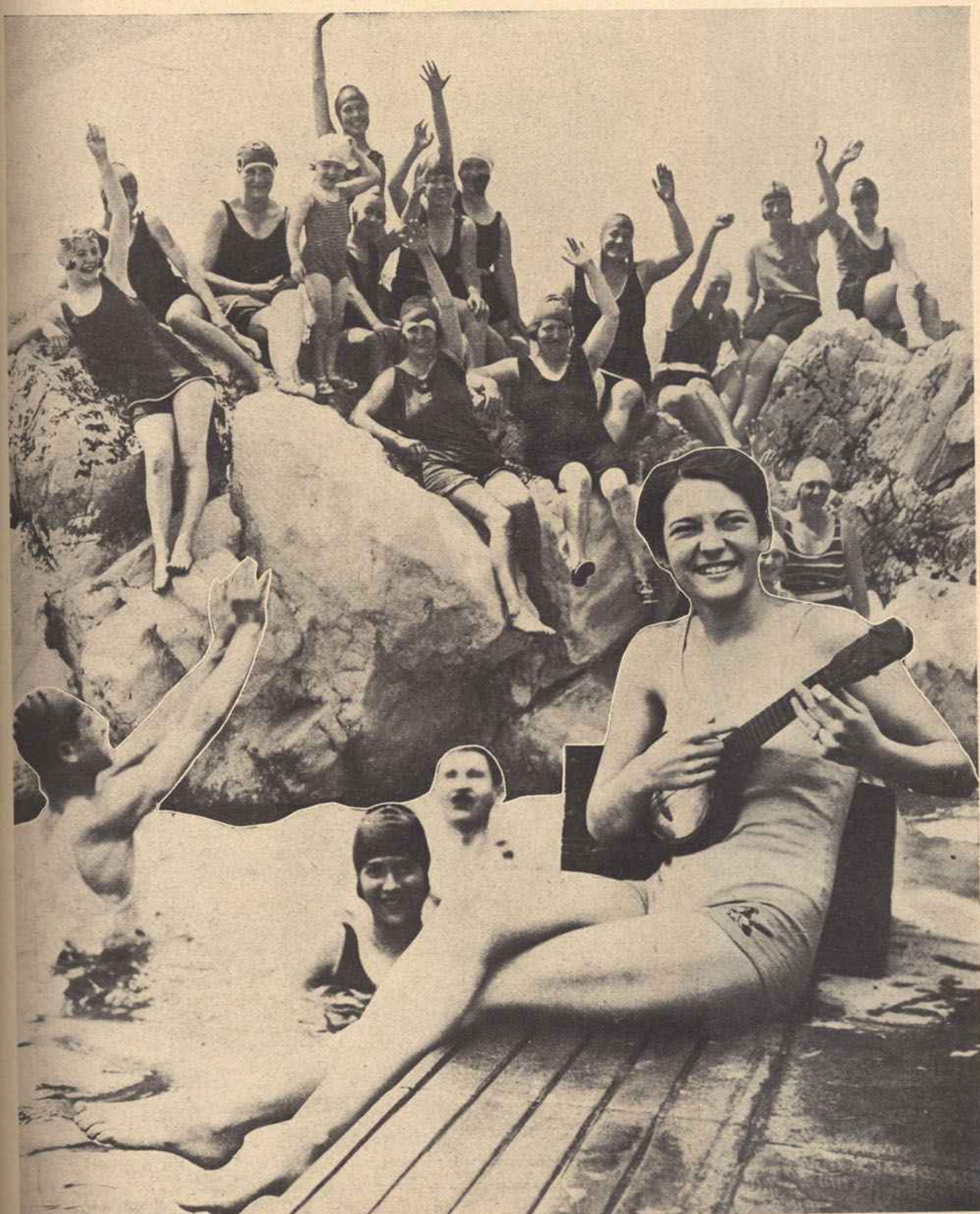
DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:  
EMPRESA NACIONAL  
DE PUBLICIDADE  
E  
AILLAUD LTD. \*

ADMINISTRAÇÃO  
R. Diário de Notícias, 78  
Telef.: T. 821 a 824

1 DE SETEMBRO DE 1930



PELAS PRAIAS DO MUNDO — OS CALORES ESPANTOSOS QUE TÊM ASSOCIADO ESTE POBRE VALE DE LÁGRIMAS DETERMINARAM UMA RECHUDESCÊNCIA NAS VILEGIATURAS DAS PRAIAS DA MODA E NAS MAIS MODESTAS, INCÓGNITAS, ESPALHADAS NAS ANFRATUOSIDADES DAS COSTAS. E É TUDO ALEGRIA, SOB O SOL, À BEIRA MAR!!

(Fotos Orrios)

FIGURAS E FACTOS

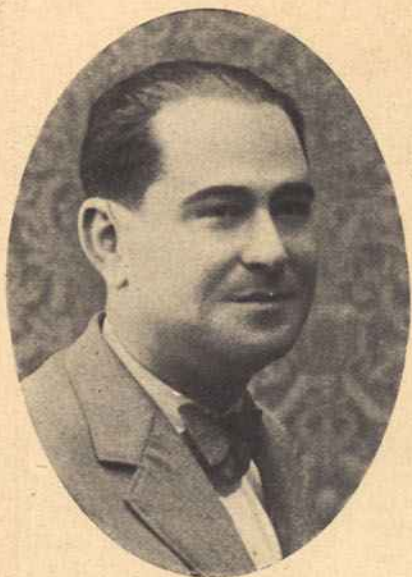


Albino Forjaz de Sampaio, director da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, publicação de grande arte que segue a sua triunfal carreira e que acaba de publicar mais um magnífico volume de ensaios *Homens de letras*



Wallabhai Patel, o agitador nacionalista hindú mais popular depois de Ghandi, que é o actual orientador da formidável agitação contra a Inglaterra

(Foto Orrios)



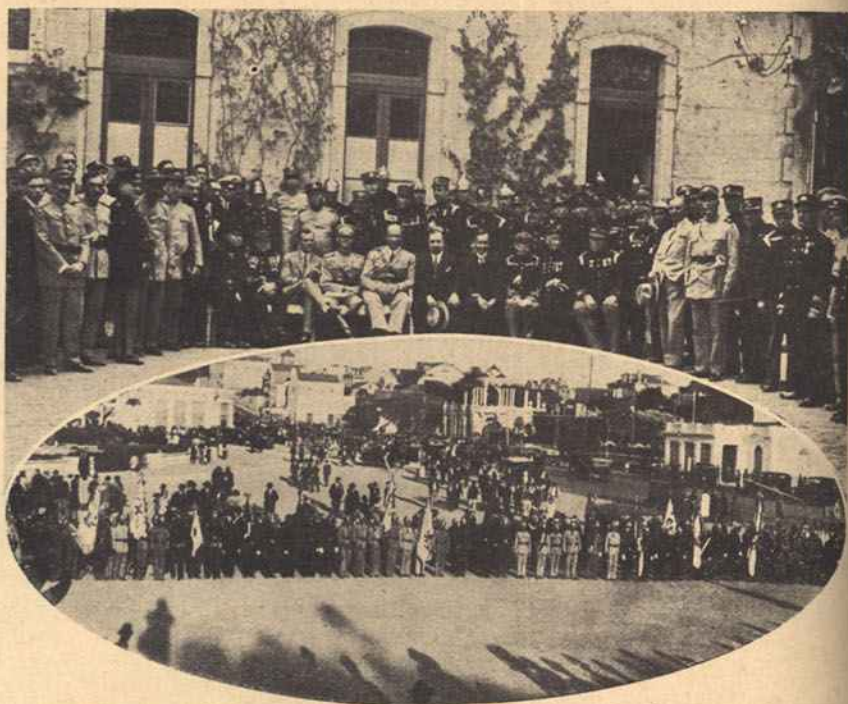
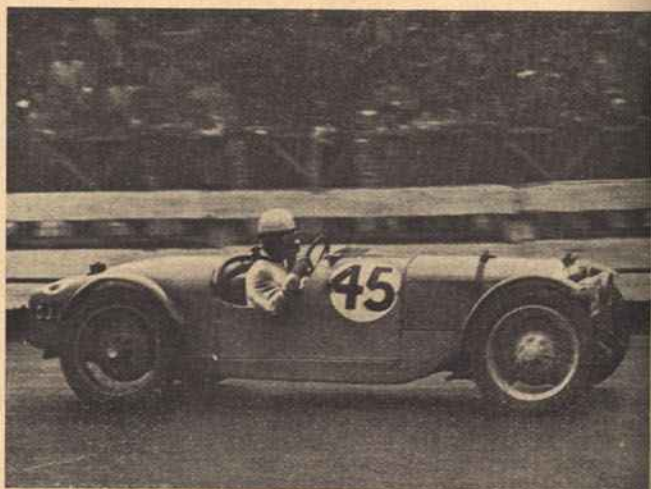
Rodolfo Llopis, culto pedagogo e professor espanhol, que acaba de lançar no mercado um sensacional volume *Como se torja un pueblo* (La Rusia que yo he visto), em que se analisa com alevantada imparcialidade a organização do ensino na terra dos «soviets», comentando-se a nova organização social dum modo pessoalíssimo



EM CIMA—NO PORTO—Imposição das insígnias da Ordem de Benemerência à bandeira do Orfeão do Porto. No átrio da Câmara Municipal: um dos orfeonistas discursando

(Foto A. Martins)

A DIREITA — O GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DA IRLANDA—Nesta importante prova, que durou dois dias, disputou-se a «Taça Saorstata». Foi classificado em primeiro lugar um carro *Riley* de 1.187 c. c. e em terceiro e quinto lugares dois carros *Austin* de 749 c. c. Todos estes automóveis eram lubrificados com «Gargoyle Mobiloil», o óleo oficialmente recomendado pelas fábricas «Austin». A gravura mostra o vencedor da «Taça Saorstata», Mr. Victor Gillow, tripulando o seu *Riley*



O CONGRESSO DOS BOMBEIROS NO ESTORIL.—EM CIMA—A comissão organizadora com os comandantes e corpos gerentes de todas as colectividades congressistas  
No oval—As delegações de bombeiros, em parada, antes da revista passada pelo Sr. General Carmona

(Fotos «Ilustrações»)



O sr. general Carmona, membros do Governo e Corpo Diplomático, na cerimónia da inauguração da sensacional exposição de tapetes de Arraiolos e quadros de Dordio Gomes, no Grémio Alentejano

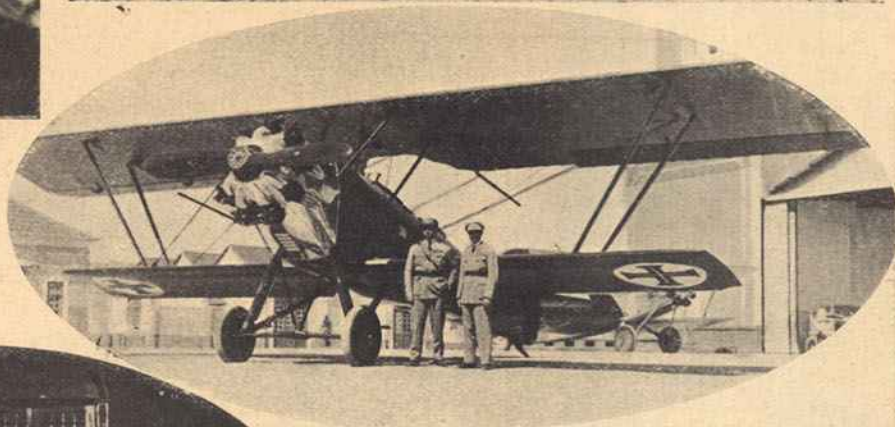


O maestro Henrique Capelo, natável compositor, regente e musicista português que actualmente está entre nós, depois de onze anos de ausência em Paris e outros grandes centros musicais, onde conquistou nome e categoria



O genial actor cinematográfico Lon Chaney, conhecido universalmente como «O homem das mil caras», que acaba de falecer em Hollywood, sendo a sua morte extraordinariamente sentida em todo o mundo, e uma grande perda para a arte muda.

EM CIMA, à direita: — Um acto transcendente da politica germânica. Após as manifesta-



ções pela «Renânia livre», o presidente Hindenburgo, ostensivamente, passou revista aos batalhões nacionalistas «Capacetes de aço», afirmando assim a sua parcialidade de velho militar partidário da guerra

NO OVAL, de cima: — O primeiro avião inteiramente construído em Portugal nas oficinas excelentes do Parque de Material Aeronáutico, em Alverca, e que foi experimentado ante as entidades oficiais com absoluto êxito. Com o aparelho os oficiais que executaram as experiências

NO OVAL, da esquerda: — Grupo de assistentes ao banquete de homenagem ao jornalista Rodrigues Laranjeira (x), banquete que teve lugar no Porto, e congregou muitos nomes ilustres do jornalismo, comércio e indústria portugueses



(Foto A. Martins)



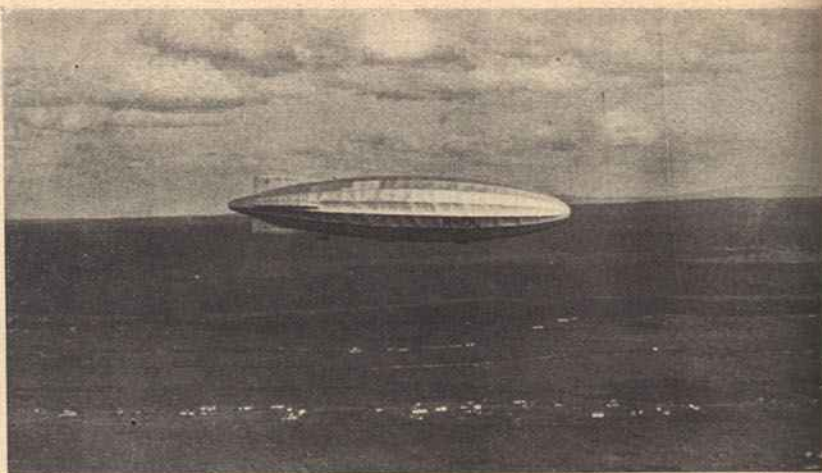
Siegfried Wagner, filho do grande Ricardo Wagner e seu continuador na direcção do Teatro de Bayreuth para a ópera wagneriana, morto, com a idade de 61 anos, quando dirigia um ensaio da «Tetralogia»  
(Foto Orrios.)



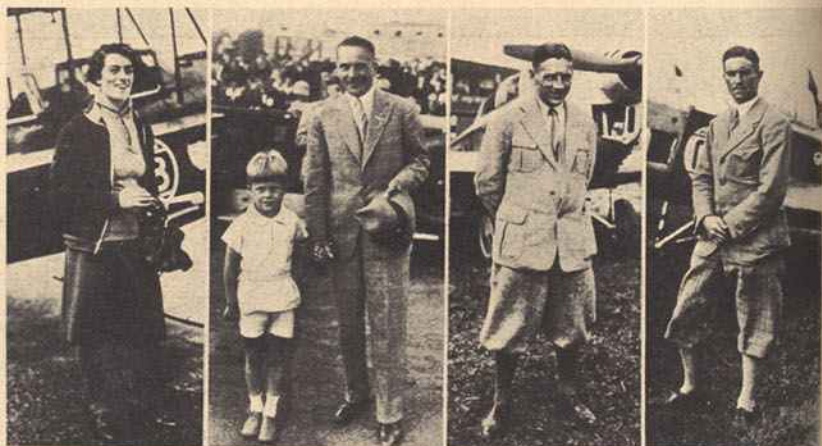
Winifred Wagner, esposa de Siegfried Wagner e por ele indicada, no seu testamento como futura regente da orquestra de Bayreuth  
(Foto Orrios.)



O genial actor cinematográfico Rudolf Schildkrunt, intérprete do Caifás de «Rei dos Reis» como já fôra criador de «Mercador de Venésia» e «Rei Lear» na scena húngara, faleceu há pouco com 68 anos de idade  
(Foto Orrios.)



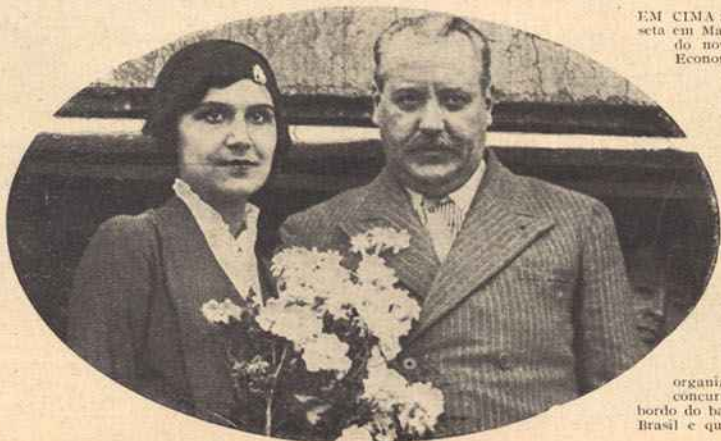
O gigantesco dirigível britânico «R. 100» que acaba de atravessar o Atlântico Norte no sentido Europa-América e vice-versa, batendo todos os récorde estabelecidos. A gigantesca aeronave ao chegar à costa inglesa  
(Foto Orrios.)



Ainda o circuito da Europa em avião. Após o aprumamento dos pontos obtidos realizou-se a classificação final. Na foto, da esquerda para a direita — Miss Spooner (Inglaterra), 4.º lugar — Morzik (Alemanha), 1.º lugar — Poss (Alemanha), 2.º lugar e Notz (Alemanha), 3.º lugar. Os dois aviadores que primeiro alcançaram Berlim não foram classificados na final  
(Foto Orrios.)



EM CIMA: — A filha da re-  
seta em Madrid. Acto da posse  
do novo ministro de  
Economia sr. Víguri, re-  
dada pelo  
sr. Wais (xx)  
que vai sobre-  
çar a pasta de  
Fazenda  
(Foto Orrios.)



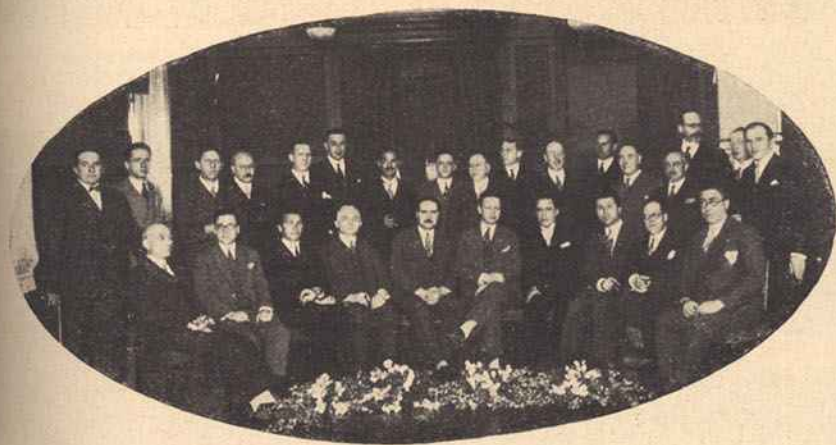
NO OVAL —  
Miss Karon,  
com o pu-  
resco jornalista  
francês, Mau-  
er de Wabell,  
organizador crômico de  
concursos de beleza, e  
bordo do barco que a levou a  
Brasil e que tocou em Lisboa

# PORTUGUESES NO BRAZIL

Muito se tem escrito já sobre a viagem do dr. Nuno Simões ao Brasil, e a verdadeira apoteose que ali foi consagrada ao eminente jornalista e homem público. A propósito escreva o lúcido jornalista Carvalho Neves as seguintes palavras:

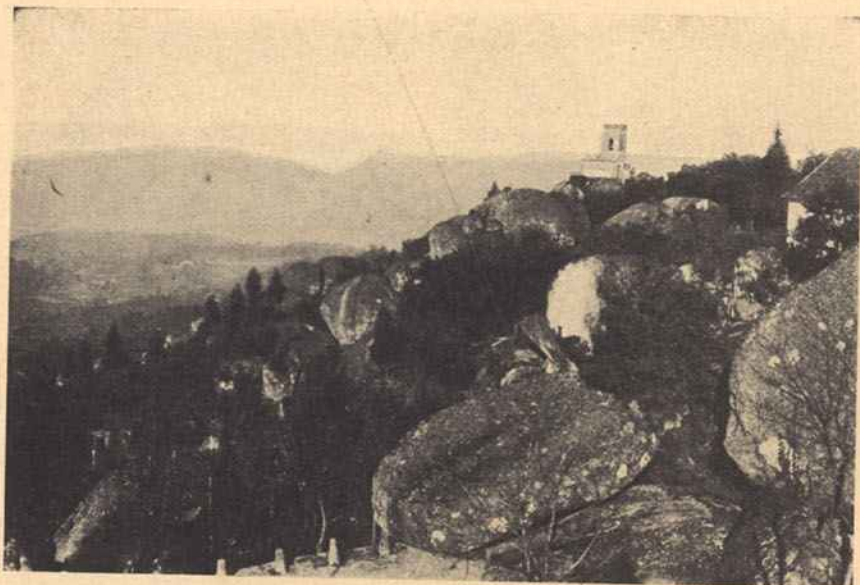
«A viagem, ou melhor, a visita do dr. Nuno Simões ao Brasil foi certamente a mais festejada de todas quantas, nos últimos vinte anos, um homem público português haja feito e a colônia portuguesa haja recebido em circunstâncias idênticas: sem funções oficiais e sem obrigações protocolares. Fosse porque a grande maioria da colônia seja das províncias do norte onde o nome do ilustre estadista republicano mui cedo se notabilizou, ou porque a simpatia de seu trato e a desprezão da sua indumentária muito bem quadrassem ao meio laborioso em que aqui vivemos; ou porque a sua fama de estadista especializado em assuntos económicos provocasse natural interesse em um meio essencialmente comercial, o certo é que a visita do ilustre homem público foi um acontecimento notável não só para a nossa colônia mas para os próprios meios brasileiros da política, da finança, do comércio e da indústria.»

Por isso não podemos deixar de arquivar ainda os



últimos documentos dessa triunfal visita, reproduzindo, de cima para baixo e da esquerda para a direita: Assistência ao baile no Centro Republicano Português, de Santos, em homenagem ao dr. Nuno Simões e comemorativo do aniversário daquela colectividade. — O dr. Nuno Simões falando sobre «Terra e gente portuguesa» no Centro Republicano Português, em Santos. — Na mesma colectividade: o dr. Nuno Simões e os corpos directivos. — Em São Paulo: Almoço oferecido pela Sociedade Consular do Automóvel Club. O dr. Nuno Simões entre os srs. Consul de Itália e Consul da Bélgica, decano do corpo consular. — No Centro Republicano Português, em São Paulo: o dr. Nuno Simões pronunciando um discurso. — Na sala das sessões da mesma colectividade: a recepção ao dr. Nuno Simões.

(Fotos S. A. Teixeira).



PENHA — GUIMARÃES. — Aspecto da célebre Montanha, um dos mais belos pontos paisagísticos do país, onde no dia 14 de Setembro se vai realizar uma grande peregrinação que promete invulgar imponência.



Américo Durão, o excelso poeta e dramaturgo, neste ilustre colaborador, que acaba de lançar a público um novo volume, «Lâmpada de argila», digno do seu nome de artista já consagrado pelo maravilhoso «Tântalo»



O último retrato do glorioso actor Silvain, decano da Comédie Française e notável homem de letras, recentemente falecido. Na foto vê-se o egrégio interprete do teatro clássico e moderno com a sua arara favorita

(Foto Orrios)



Octaviano Guilherme Ferreira, antigo director da Bibliotheca Nacional de Nova-Gôa e agente consular da França em Gôa há mais de 25 anos, cuja obra de ligação da Índia Portuguesa aos grandes centros por intermédio da navegação e rédes comerciais francezas é deveras notável



NA PRAIA DE ESPINHO — A gentilíssima menina Elsa Macedo Pinto Gomes Mota, uma das mais graciosas banhistas daquela linda praia



NA COSTA DO SOL. — Um grupo de banhistas da nossa sociedade, pequeninos e grandes, todos de radiosa mocidade, que, fugindo à canícula, pelas rochas da praia fora, passa os dias brincando na água deliciosamente refrigerante



# A QUINZENA DESPORTIVA

Estes meses estivais arrastam a população lisboeta para as praias cercanias, e o exodo dominical reforça com as hostes numerosas dos que à cidade estão presos pelas suas neubações, a falange considerável dos mais felizes que veraneiam gosando umas férias compensadoras.

A vida à beira-mar, como a vida nas estâncias campestres, foi de todas as épocas e corresponde a uma necessidade inata das gentes urbanas. Não parece dever merecer as honras de uma referência em acção como esta.

Acontece, porém, que hoje a permanência nas praias difere muito da que era anos atrás e acentua uma evolução de grande interesse para a qual a sociedade portuguesa se mostrou particularmente receptiva: a vida ao ar livre, o culto do sol.

Nas nossas praias encontramos hoje crianças e adultos, patenteando à evidência, na pigmentação da pele, a longa exposição aos raios solares. Cada um aproveita das belezas da natureza, arredado o velho preconceito do recelo picaresca da sua acção. Assim se fazem as raças fortes e, para as nossas futuras gerações, nenhum melhor património podemos oferecer que o bafejo solutur do nosso sol e as carícias estimulantes do nosso mar.

Recordo que passei, há meses, um dia, que era feriado, em Viena de Austria; ao longo das margens do Danúbio, nas imensas pradarias que costeiam a cidade, à sombra da floresta magestosa que lhe está cêrca, uma multidão incontável, em grupos alegres, o estúdio reduzido ao mínimo, quasi sempre um simples calção, homens, mulheres, crianças de tronco nu, aproveitaram a liberdade do dia para haurir os bens da natureza. Aquelas peles calcinadas, em contraste com as cabeleiras loiras como trigos maduros, davam-nos uma impressão de saúde, de vigor que, em evocação, formam o maior contraste com a palidez mórbida da nossa mocidade lisboeta. A criança, como a planta, estiola e amarelece, se a privam de luz.

Éis porque tanto me agrada o espectáculo dominical da grande afluência nas praias; a marcha para o sol da gente moça portuguesa é um sintoma favorável que contém estímulo. Já que nada se tem a esperar de quem tudo tinha obrigação de fazer, refulgemos da providência que veio suprir, com a sua magnífica generosidade e suprema sabedoria, a obra imperfeita dos homens.



Salto à vara de Francisco Duarte, do Pôrto  
(Foto José Gonçalves.)



Salto em altura de Adolfo Brito, do Pôrto  
(Foto José Gonçalves.)

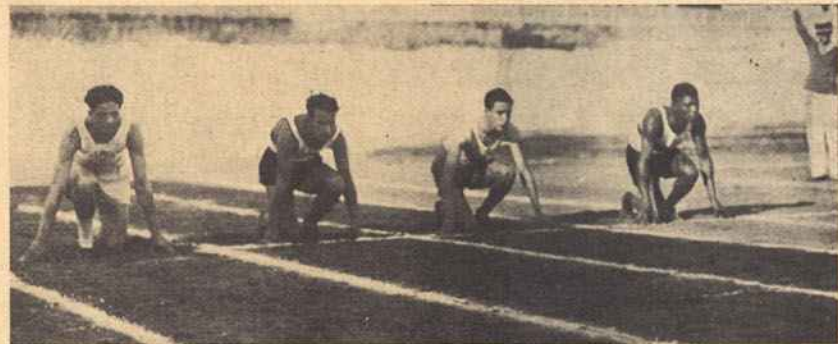
## O PÔRTO-LISBOA EM ATLETISMO

Na falta de lutas internacionais o atletismo português considera estes encontros de regiões como os acontecimentos de maior vulto da sua actividade annual.

Pôrto-Lisboa, o duelo dos dois centros de maior incremento atlético, dirime uma questão de superioridade já muito discutida e que permite a ambos os adversários entrar na luta com esperanças de triunfo.

Pela terceira vez, porém, os atletas da capital afirmaram o seu valor, vencendo por sensível margem de pontos e conseguindo alguns resultados interessantes que demonstram, além do seu melhor conjunto, a existência em suas fileiras dos melhores valores individuais.

Não é este o lugar apropriado para longas considerações técnicas, que os periódicos da especialidade desenvolveram já suficientemente, pelo que me limitarei a registar os ensinamentos que o concurso nos pode fornecer.



A partida para os 100 metros. O 1.º à esquerda é Sarsfield, a seguir Pôrto (2.º), Prata de Lima (4.º) e Pires (5.º)  
(Foto José Gonçalves.)



As duas equipas atléticas; no primeiro plano, a de Lisboa  
(Foto José Gonçalves.)

Lisboa somou desta vez 48 pontos contra 36 do Pôrto; a notar que os atletas do sul venceram todas as provas de corrida com excepção dos 100 metros, perdendo em contraposição todos os concursos menos o peso. A divisão de pontos em corridas e concursos foi a seguinte:

|        |           |         |
|--------|-----------|---------|
| Lisboa | Corridas  | — 33 P. |
|        | Concursos | — 15 P. |
| Pôrto  | Corridas  | — 15 P. |
|        | Concursos | — 21 P. |

Esta vantagem do Norte nos concursos, embora imputável em grande parte à manifesta infelicidade de Garnel, cujos lançamentos ficaram bastante aquém das suas possibilidades, merece certo reparo pois corresponde ao desaparecimento do maior equilíbrio até agora verificado nos encontros similares.

Efectivamente nos dois anteriores matches Pôrto-Lisboa, registáramos:

|        | 1927   |      |       | 1928   |      |       |
|--------|--------|------|-------|--------|------|-------|
|        | Pontos | Cor. | Conc. | Pontos | Cor. | Conc. |
| Lisboa | 47     | 24   | 23    | 54     | 27   | 27    |
| Pôrto  | 37     | 24   | 13    | 29     | 20   | 9     |

A evolução é frisante.



No Festival de Os Sports na piscina do Algés e Dáfundo; um salto de Emile Renou da plataforma dos 10 metros

Vindo logo após os campeonatos nacionais, o encontro confirmou determinados pontos, lançando sobre outros luz definitiva.

É lamentável, em primeiro lugar, a inutilização do campeão portuense António Júlio Dias que nos privou de dois magníficos duelos com Alfredo Silvério, e que resultariam, creio, num *match* nulo, cada adversário vencendo sua prova, o primeiro os 400 metros, os 800 metros o segundo.

Em todo o caso provou-se ainda a superioridade dos *sprinters* do sul nos 200 metros, pois Júlio Dias estava desde a largada irremediavelmente batido e a sua lesão parece não haver convencido, nem os seus amigos.

A vitória de Sarsfield nos 100 metros não me surpreende, porquanto o considero o melhor português na distância, mas Pôrto e Pires, pela sua classificação comprovaram a anormalidade da prova de Fernando Prata nos Nacionais, e que a sua classificação nela foi fruto de uma má visão de alguns dos juizes de chegada.

Em velocidade prolongada Alfredo da Silveira afirmou um progresso de forma que é lamentável chegar tão tarde; o seu novo *record* dos 800 metros é a justa compensação de um trabalho probo e simpático, de alguns anos de fidelidade desportiva. Note-se que nesta corrida os três primeiros chegados fizeram melhor tempo que o antigo *record* nacional.

Não podemos ainda deixar sem relevo a dupla vitória de Lisboa nas estafetas, em tempos-*records*.

Um bravo aos componentes das duas equipas, Adriano Pires, Júlio Santos, José Maria

Santos, Mário Pôrto, Joaquim Alvarez, José Palhares Costa e Alfredo da Silveira.

Os concursos foram férteis em surpresas: os 46<sup>m</sup>,05 de Fernando Rodrigues no dardo, incompreensíveis com o estilo defeituosíssimo que lhe vi nos Nacionais, os 6<sup>m</sup>,49 de Retumba em comprimento, a derrota de Ganel no disco, a péssima exibição de Aguiar, foram resultados de impossível prognóstico.

Arnaldo de Sousa foi o representante do Pôrto que mais progressos afirmou, e apresenta-se desde já como um digno sucessor de António Júlio Dias, e um perigoso adversário dos melhores.

#### A REGATA OCEÂNICA

A regata oceânica que este ano se disputou pela terceira vez no percurso Lisboa-Setúbal, é sem dúvida a manifestação mais importante do desporto português da vela, desporto a que por tradição de velha raça de navegadores devíamos prestar desenvolvido culto.

Quasi abandonado durante bastantes anos, o desporto da vela tem conhecido um incremento considerável, devido em maior parte aos esforços persistentes dos animadores do Club Náutico de Portugal e da Associação Naval de Lisboa.

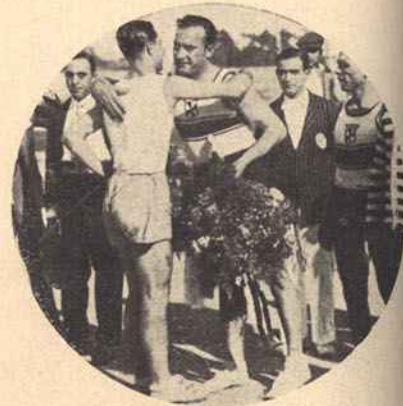
A regata oceânica constituiu mais um triunfo para estas duas agremiações, de organização para a segunda, desportivo para o primeiro.

Disputada em dia de vento incerto, começada em calma para terminar sob o sópro de uma rija nortada, a corrida pôs à prova as qualidades das várias embarcações participantes e os conhecimentos dos respectivos timoneiros, numa luta de rumos que foi o factor decisivo da vitória.

«Bébé» (S. A. D.), «Mariline» (C. N. P.) e «Derradeiros» (A. N. L.), foram os vencedores das três categorias em concurso, mas, como de entre todos os concorrentes há que escolher um vencedor absoluto, as honras do triunfo pertencem ao «Mariline» que se as partidas houvessem sido dadas com os abonos estabelecidos haveria sido o primeiro a entrar em Setúbal. Na meta apenas o precedeu «Bébé», vencedor do ano passado, mas por uns escassos dois minutos quando lhe abonavam trinta.

O «Mariline» foi timonado por João Bissau, alme de marinheiro, fanático da vela, e que a este desporto tem dispensado um culto persistente e dedicado.

Os louros que colheu para o seu club vêm justamente compensá-lo de tanto esforço e de muito sacrifício. Felicitamo-lo com o fervor de uma amizade que só encontra paralelo na admiração que nos merece.



No Pôrto-Lisboa em Atletismo. A troca de ramos (Foto José Gonçalves.)

#### O FESTIVAL DE NATAÇÃO DE «OS SPORTS»

Na piscina do Algés organizou este ano Os Sports o seu habitual certame de natção, que revestiu um interesse excepcional.

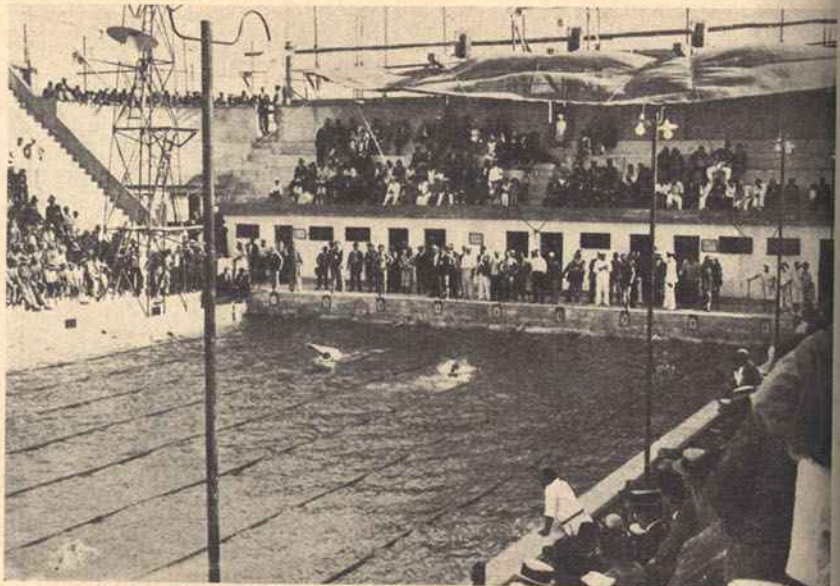
Disputaram-se quasi tôdas as provas nas distâncias clássicas e em busca de tempos-*records*, estabelecidos como padrões os melhores resultados até agora obtidos em anteriores competições oficiais, e cuja regularidade está longe de se nos apresentar intangível.

As tentativas resultaram inúteis à excepção da corrida de 100 metros, costas, em que Fernando Sacadura (S. A. D.) conseguiu o tempo de 1 m. 33 s. 4/5, que melhora o antigo mínimo.

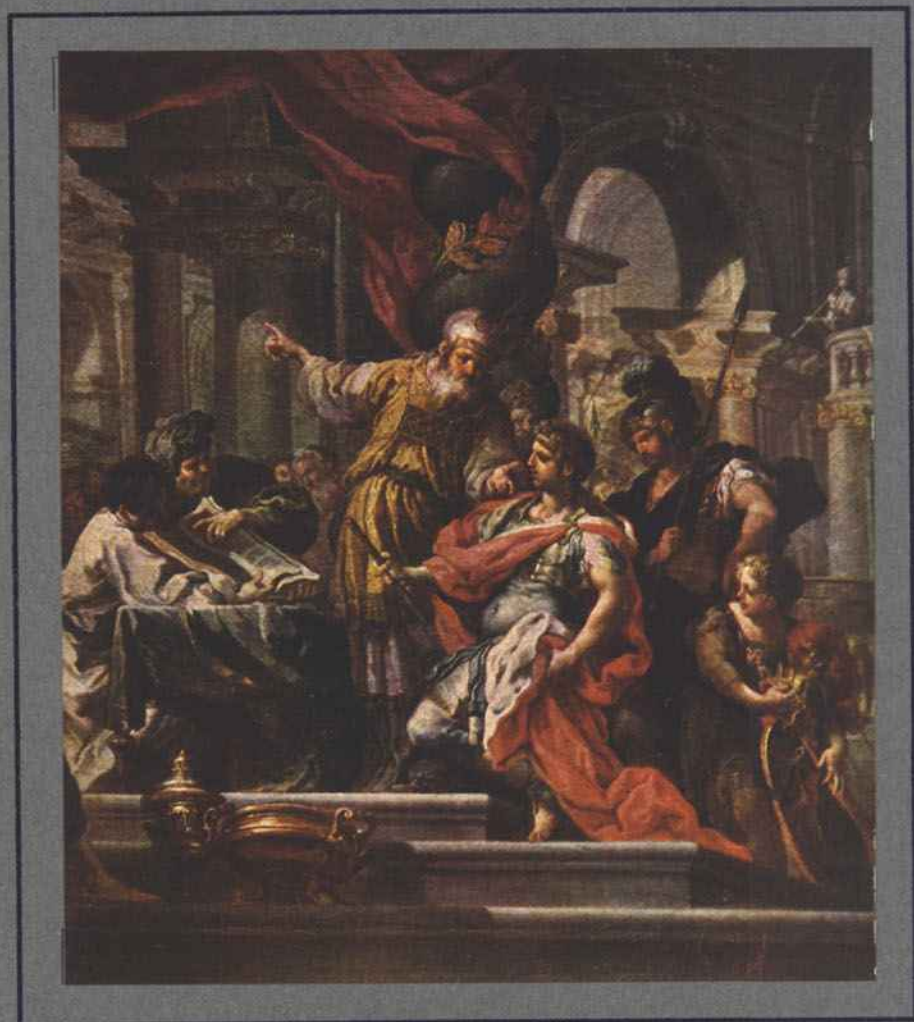
Os tempos registados, e que pelo valor dos nadadores participantes, não devem andar longe daquilo que em Portugal se pode conseguir, vêm provar-nos quanto estamos atrasados na arte de nadar. Se procurarmos uma equivalência internacional à natção na escala de todos os desportos que praticamos, vamos encontrá-la nos escalões inferiores. Nós somos um povo de navegadores e marinheiros, um país da beira-mar, onde se não sabe nadar.

A ausência de piscinas era, sobretudo, o factor que mais prejudicava o nosso progresso desportivo; esperemos que as coisas agora mudem de feição, tanto mais que parece alfim solucionado o deplorável conflito que durante tantos anos sacudiu os nossos clubs da especialidade, dispersando esforços e destruindo o pouco que havia de realizado.

SALAZAR CARREIRA.



Um aspecto da magnífica piscina do Sport Algés e Dáfundo



SEBASTIÃO CONCA

Alexandre Magno

no Templo

de Jerusalem



(Trecho lido no *Serão dos Poetas e Provedores*, nas festas do 3.<sup>o</sup> Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa).

— Não juro o meu testemunho aos Santos Evangelhos por ser contra lei. Mas don-lhe de pehor o grau dos meus sentimentos serranos — nunca por nunca traidores à verdade.

— Sim senhor. Fui este ano à minha terra, na despedida dos calores estivais. E muito do que lhes vou dizer, tem a sua explicação nestas quatro proposições basilares: — a minha terra fica ao norte, encostada a duas montanhas de granito; pertence-lhe a administração do rico celeiro de longo vale, naquela época coberto de milharais; levanta-se na rota forçada das Pedras e do Vidago — chefe da família de que as Pedras são membro ilustre, e o Vidago velho visinho e amigo. E por isso mesmo, na sazão dos calores, e das reparações na via digestiva, se não é o Presépio do Messias, desde se espera o milagre, é a estrela alta que ensina os Magos no bom caminho.

— Ora muito bem. Posto isto, vamos ao resto: — Nesse dia de Setembro, na pousada onde almocei, almoçou antes de mim numeroso rancho de peregrinos, com destino às Pedras e ocando da capital: — da nossa, desta, da que por obra e graça do Terreiro do Paço, de semestre a semestre nos enche a casa de todos os manás do deserto.

— Foi esse rancho, que por desleixo ou fastio, esqueceu sobre a toalha de linho, a cheirar a alfazema, loiro piãozinho da cidade — o pão alvo, de linhas finas e cutis lustrosa de pó de arroz, que não sai à rua, no medo das constipações, senão embuçado em capa aristocrática de papel de seda.

— Nem de propósito: — a seu lado, não direi ombro a ombro, pois um era maneirinho nas formas e na estatura, o outro em tudo e por tudo talhado ao grande, mas quasi a tocarmos, pôs o destino ou a locandeira um pão da terra, pão milho, moreno e entroncado como cumpre a leal montanhez, sob a faticia grave de sempre e o rosto ao natural.

— Han? — É curioso! Ai está o que vos queria jurar, e que podeis crer como se o visseis nos Testamentos: — no sussurro do baile animado

das moscas, talvez em honra e louvor do filho pródigo de visita ao lar paterno, eu vi, não foi ilusão, que o piãozinho da cidade se torcia de desdem, ou melhor, de tédio, afrontado pelo ar de camaradagem do tóscio provinciano — alheio às afinações da maquilhagem e ao tom da Garrett.

— Mas vi também, logo, sem perda de tempo ou oportunidade — crêde, os meus olhos não me enganaram! — que o pão da serra olhou o outro de frente, crescendo um palmo na altivez do arranco. Porque, não o notifiquei ainda, mas a notificação cai a propósito: — o montanhez, cordeiro no amôjo sob a paz dos mandamentos da lei de Deus, muda-se em lóbo no apriso se lhe cospem à face os pecados mortais. Tudo, menos isso! E foi o que se deu nessa manhã de claridade. E são as consequências do feito que eu procuro relatar.

— O pão da minha terra, gerecido no humus planturoso do solo afeito aos bons pitens e com bebida franca na roda do ano, sentindo-se chocado pela impertinência do alfenim, encarou-o rosto a rosto, o que lhe está nos costumes, de vassallo pulando a rei. E observou, com dignidade, não em cólera, a encolher os ombros, o que deveras lhe amarfanhou o estôfo da vestimenta:

— Enfim, não te levo a mal a toleima! Talvez não saibas que estás em minha casa. E com certeza me não conheces: — no apêgo às maluqueiras lá da cidade, onde o hábito faz o monge, vê-me trajado de saragoça e baixas-me a mendigo.

— O da cidade nada, nem palavra — na fisionomia e no porte a impassibilidade inacessível do cego e surdo por antecipada deliberação.

— Outro aspecto da estrutura moral do montanhez: — é falador como o barbeiro célebre de Bagdad; tem o coração rés-vés da boca; e não sabe escondê-lo na cólera ou no afecto, antes sem rebuço o põe ao léo com ingenuidades de menino.

— Assim, ao rígido silêncio do desdenhoso, correspondeu o verbo fácil do desdenhado:

— Não me respondes! Não me dás confiança! — recomeçou, disposto a levar onde fôsse preciso o ajuste de contas: — Por trajares de setim, consideras-te mais do que os outros! E quem sou eu, afinal? Vês-me vestido à lavrador, fazes-me filho das hervas! Ora a verdade é esta: — Não sendo nenhum doutor, sou alguém na cabeça do concelho. Recebi educação. Fui baptisado na lei de Deus — e tirei do baptismo certas luzes do entendimento. E, além do mais, tenho olhos, tenho ouvidos, e uma memória imortal. De modo que, vendo os periódicos, ouvindo os mandões cá do burgo e os janotas das tuas redondezas sei do mundo e da tua vida quasi tanto como o Senhor da de todos nós.

— Onde é que tu nasceste? Nasceste lá para essas costas de Africa dos campos de sequeiro, desde sempre apartados da montanha, a melhor das conselheiras — avôzinha que dia e noite olha pelo comer e beber dos seus, no desejo de que medrem em bens de ar e de raiz. E quem é o teu pai? Aposto que nunca viste, no perto ou no longe, esse senhor fidalgo, aperelhado de ferro e aço, com nome que não sóa a cristão, vindo das terras do Demo em gaiola, como os ladrões, e outra vez na gaiola mal finda a labuta das sementeiras. E a tua mãe, conhece-la por acaso? — se te ergueram do berço e logo te desterraram?

— Enquanto que eu — escuta agora, se podes, quem tenho por pai e mãe, e até a qualidade das bôdas de que gereceu este filho, rude, não o nego, mas cavalheiro como qualquer dos seus maiores.

— Seu filho de benção do arado de carvalho, nascido e crescido em serra de Portugal: — esse que o ôlho e o geito do tio João Carpinteiro fizeram a sua imagem a semelhança, honrado que se não nega ao sol ou ao luar.

— A minha mãe — ah que a não enxergaste na passagem! — é a entranha sempre pronta para o fruto, e porque concebeu sem pecado, virgem como a dos altares. E o coração sempre aberto ao amor, e porque tem mêdo que lhe furtem os filhos, tremente como as estrelas.

«Coração sadio de vergel, alma grande de dadivosa, seu bafo cheira à esteva e rosmariño, e tem no sorrir o frescor das orvalhadas. Vê lá depois disto, com pai e mãe assim, se me fica bem receber enfado de qualquer entrometido.

«Agora as bodas. Vou vêr se tas sei contar». O pão da minha terra, imaginoso por natureza e bucólico por sugestão—nado e criado na geórgica viva do planturoso vale de Vila Pouca—arremeteu sem intervalo ao conto das bodas de pai e mãe.

Eu é que não apathei de memória a linha, o sabor e o perfume do seu estilo montesinho—singelo no traço, esquivo no colorido, obra de respeito pelo torneio de fruto maduro e pela toada de água corredia.

Por isso me confino... às sombras do quadro de sol.

Evocou a chã em que nasceu. Chamou-lhe berço grande—se quisesse, poderia figurá-la também em grande arca tumular, por lho consentir o seu vulto longitudinal e as suas hirtas paredes. Mas tinha de atender à vida das giestas e carvalhos que palpita nos seus pendores, e à dos rebentos e premícias que no fundo acolchoado de verdura arrolam a própria meninice—com o rio Córgo ao meio, a acompanhar-lhes o arrullar em sereníssima surdina.

Isto acente, supôs-se no Maio gaiteiro. É no Maio que todo o vale, da montanha ao rio, se ufana de jardim. É no Maio que o rio desliza, não corre, em nome do Senhor interessado na saúde do alfôbre seu visinho e do caseiro negriño. É é justamente no Maio que o bom

arado, ao manso tropear dos bois, ao lento caminhar da filha do lavrador, êste de cabeça descoberta e camisa de linho conduzindo o noivo à cerimónia, recebe por esposa a terra florida de bem-me-queres e engrinalhada de giestas.

A festa, na voz local tida per *vessada*, começa com o romper da manhã—visto que nessas terras de Cristo não se jogam ao Diabo horas benditas de trabalho. O sacerdote que vem abençoar os nubentes já se anunciou nos visos da serra do Rôxo—a que fecha a levante as paredes do bêco, neste lance armado em capela. Já se descobre o pãlio cor de purpura, com franjas de luzido ouro, que há-de servir-lhe na função. Por isso, o Senhor Reitor Sol a assomar lá em cima, mostrando a corôa aurifulgente, novinha em folha, e as bôdas a tomarem alento de alêlua.

O padrinho, para o caso o lavrador, dita aos acólitos o ritmo do ceremonial. A madrinha, de agulhada em punho, marca o passo aos acólitos. E o noivo hercúleo, engalanado de torrões e flores, abarca nos braços potentes das aivecas os flancos da bem amada—rasgando-lhe no corpo dócil ao amor os sulcos que são marcas de posse e regação da semente.

A mesureira arvêola, ou levandisca, segue atrás do cortejo, distribuindo parabens, aceitando alviçaras.

E não há mestre cantor por aqueles sítios, dos que estão no hábito de acendir ao matutino pregão dos arautos de não sei quantas capoeiras, que não venha prestar o seu concurso à marcha nupcial—côro sinfónico que daria gosto a Santa Cecília. O pintasilgo solta as notas do

tenor. O melro as de consagrado barítono. Nos naipes baixos onve-se o gaio e o picanço. A rã geme os pianinhos. O pardal e o cuco fazem o contracanto. Só a cotovia, em vez de se concertar com os menestreis do arvoredado, trauteia a solo, bailando no azul, os seus *laudemus* de limpidão cristal.

Ah, perdão. Falta nomear o mais acreditado tenor da frêguesia. Chamam-lhe rouxinol. Não se escusa ao dever. Mas de mal com o sol, na scisma de que lhe namora as estrêlas, só à noite vem com as saudações dos costumes. O vale a ressonar na sombra, os camaradas do biquinho calado nos seus aposentos, e êle a tirar das fibras de rapsodo trilos e louvores que fazem esquecer de enlêvo as águas laboriosas do Córgo.

Aqui, o pão da minha terra, abriu larga pausa—à espera que o pão da cidade lhe dissesse de sua justiça. Parecendo-lhe, porém, que o cidadão o considerava mais desdenhoso do que nunca, avançou, disposto a abatê-lo ou confundir-lo nas suas vãs prosápias:

—E agora escuta o resto. Ah, perdão! Tenho-lhe dado, sem a devida xénia, trato de irmão para irmão—não olhando a que Vossa Senhoria de certeza se considera diminuído no parentesco.

«Ora saíva Vossa Senhoria que nasci entre rendas e sédas, embora o não pareça. Que logo aos primeiros vagidos correram aias de bom porte a aconchegar-me a roupa ao pescoco, a livrar-me o corpo de parasitas—nas sacras e mondas da obrigação.

«Saiba ainda que levei na infância a vida



regalada dos ricos — o leitinho sempre a horas, sorvido da apojadura materna, com os acréscimos que me vinham dos seios da serra: do Rôxo ou da serra do Faxo — ambas elas a ajudarem a minha criação. Depois, conheci brincaadeiras e brinquedos conformes com a tenra idade: — a cabra-cega às turras e encontrões nos dias do Diabo à solta; nos dias bonitos de soalheira as espadas de brincar aos soldados. Cresco a todas as horas, louvado seja o Senhor, que sempre teve a mesa posta a favor da minha manutenção. Entro na maior idade. E logo boto chapéu emplumado, e algo espadas de dois fios, e sustento medalhas ao peito — as espigas de ouro que se mudam no bragal, nas arrecadas, na ucharia, e nas graças a Deus de quantos me recolhem em casa. Mas chegado à maior idade, não fico para ali ao abandono, como Vossa Senhoria lá nos séculos terraninhos do seu morgadio, aguardando que o tempo me passe guia de marcha. Não senhor. Se o calor entra a esmorecer, tiram-me o chapéu e respiro mais à vontade. Se a sêde larga a afrontar-me, a água de rega não demora um crédo a refrescar-me as entranhas — tão pura, e tão afável, que ao seu termo cuidado me sinto hora a hora renascer.

— Hah? Ah! Continua calado! Tanto se me dá, como se me deu. E ainda que muito peso à sua alta gerarquia, sempre lhe conto o resto da minha vida.

Então, evoco as horas bizarras da colheita, segadoras e segadores, de foices à laia de crescente, derrubando o rente ao pé — mas devotamente, de joelhos, ao dobrar das cantigas, não no impassível e áspero gromar dos engenhos infernais que tombam o trigo nas estradas campinas. Reconstituiu a condução do seu corpo mutilado para as eiras faiscentes de luz — condução que lembra a da arca da aliança nos dias de David, corpo vivo, mesmo na mutilação, a caminho da ara do sacrifício, ao cantar dos carros de bois, através dos campos eternamente verdes. E atingiu as desfolhadas, o rito jocundo, meio pagão meio cristão, em que despojam o milho das vestes de nascença ao gorgear de risos e beijos — pagão tôdas as vezes que os beijos estalam sobre os lagos sangrentos da espiga rei; cristão no carinho de velhas e môças despiendo-o das vestes para o suplicio redemptor do calvário.

— Ora esse! O pãozinho loiro sorri incrédulo, prejudicando a neve do pó de arroz, à notícia daquela canora matizada de beijos?!

«Visto isso, é tirar-se dos seus cuidados, subir à Matriz e confessar o senhor Reitor — que ée lhe mostrará no livro dos assentos o rôr de casórios concertados à conta das desfolhadas. Isto fóra os baptizados... não devemos esquecer-lo, com promessa e jura de casamento para depois da ressalva militar...»

E foi nesta altura que a sua voz subiu de ardor, que a sua fisionomia se iluminou de fé, que o seu porte cresceu de gravidade.

Sim. Era chegada a hora do martírio — a dôr a trespassar-lhe corpo e alma. Mas a vida, só no gôso, não é vida — é sáfaro engano, curtido na sombria caverna dos sentidos. A vida, para ser vida, real e verdadeira, tem de trepar ao calvário — pois só na dôr que o alumia, só na cruz que o alevanta, só no Tabôr que o redime, o ser criado; se aproxima da obra premeditada pelo Criador.

Assim, entrega de boa mente o corpo ao malho, na eira agitada, os despojos à seagem, no leito de pedra. Assim, é quasi com alegria que salta para o dôrso do Lirô, o burrico do moleiro, o tio Bernardo, na manhã da jornada até ao moimho — um dos moinhos do rio de Cidadella, ao pé da queda da Rugidoura, visto na área da freguesia ser tão pequenino o rio Córgo que não tem forças para moer dois selamuns.

E eu ia a dizer que os olhos quasi se lhe orvalharam de lágrimas ao recordar o moimho do tio Bernardo — tão diferente, tão outro, da trituradora gosmenta, do cilindro estriado, da voz metálica e dos silvos de dragão da giga-joga de gnelas de ferro, rodas de aço, jactos de vapor da maquinaria que transfigura em farinha o trigo encostado ao progresso! O moimho do tio Bernardo! Quando muito, quatro palmos e meio de lages britadas a picão. Isto no horizontal. Que no vertical, da telha vã ao chão de lagoado não vão sete palmos dos grandes — por pouco nem serviria de nicho ao padroeiro Santo António, se o talhassem ao natural, por

falta de espaço para enxugar as fraldas do seu Menino. A tremonha debruçada sobre a queilha; a queilha de braço dado com o taramelo; o taramelo de pé na mó de cima; a mó de cima deitada na mó de baixo; esta entendida com o tremonhado.

O tio Bernardo, testo de grão o bôjo da tremonha, abre a comporta da levada e deixa entrar no caldeiro a água do rio — tôda prestadia e risonha, só à espera de que lhe dessem licença para animar o bailarico. E é vêr neste entrementes o sonoro e agitado arraijal: — a água lá em baixo em rodopio, abraçada às penas do ridizio; lá em cima tudo obediente ao volteio das penas, — a tremonha a saracotear-se a confiar à queilha o seu oiro em grão; a queilha a peneirar-se e a deixar cair na mó de baixo a riqueza daquelas jóias; o taramelo cingido à queilha e a bater com o pé o compasso da sarabanda; a mó de cima a bailar e a cantar — vá de roda! — na sua dança serpentina. E o festejado grão de milho, a girar no circo da mó de baixo, a esconder-se sob as saias da bailadeira, daí a nada a suar, a escorrer, agora oiro em pó, para a bôca do moleiro.

E a Maria Clara — a filha do Moleiro? Essa trafeça no moimho, mede a maquia do ajuste, fecha a bôca dos sacos, enfarinhada dos pés à cabeça — os pintainhos acolhidos ao seio a picarem a chita do carpete cuidando que picam o grão perdido nas lages.

Pronto! Já não é o grão rijo — é a dócil farinha. E dócilmente se deixa levar à masseira da tia Antônia, padeira que no governá-la usa atenções de mãe pelo fruto do seu ventre: — ao contrário do que sucede com a farinha da cidade, que nas voltas e contravoltas da panificação só encontra feras rudezas de madrastra atormentando enteado sem defesa. Peneira-a sobre a masseira de castanho, no enlévo em que embalaria a cria no berço. Amassa-a com as suas misericordiosas mãos de Samaritana, não vá ferir de morte o que deve ser substância de vida. Dá-lhe a comer a hóstia do fermento, traçando-lhe na epiderme três sinais da cruz, ungiendo-a das palavras santas: «S. Mamede te leve, S. Vicente te acrescente, S. João te faça pão, em louvor da Virgem Maria, Padre Nosso e Avé Maria». Agasalha-a sob o lençol e os cobertores do leito matrimonial — pondo-lhe em cima, se a preguiçosa levadura não obedece às cruzes, à oração e ao agasalho, um raminho de giesta e umas calças varonis. Tende-a. Depois enforma-a, aconcliegando em seguida às dobras de linho do tendal o corpo débil do que já é pão, pão recém-nascido, arrancado ao plasma da massa fermentada e levedada, muito mais pura e olorosa do que o barro do sexto dia. Por último, transporta-o, cingindo-o ao peito, ao fogo do purgatório, fazendo cruzes sobre a bôca da rubida caveria, murmurando, resando: «Cresça o pão

no forno e a graça de Deus pelo mundo todo, em louvor da Virgem Maria, Padre Nosso, Avé Maria». E das labaredas do forno, purgado e robustecido, ée sai feito redempção dos humildes e exaltação dos poderosos.

E em tão áspero martírio não tem gemido de dor ou gesto de rebeldia.

Se Jesus padecera resignado e grande no fito de repôr o Homem no Paraíso, ée sofre com paciência e misericórdia para dar de comer a quem tem fome.

Neste lance, o pão de milho, o pão vital da minha terra, bateu na frente o gesto dos que encontram o Eureka da suprema revelação. De novo encuro o outro, o pão anémico da cidade — na expressão e na fixidez o forte dinamismo da energia interior. E tornando ao tu do primitivo embate, esquecida e zombeteira senhoria, argumenta em ar grave:

— É verdade. Por falar em dar de comer a quem tem fome. Responde-me desta vez, e não te enfado mais. O que fazes tu às gentes a quem dás de comer? Conheço algumas, das que veem às Pedras, das que se apegam ao Vidago. E não contesto — aparecem por aí cavalheiros, como éesses que te trouxeram de longe, bem parecidos, sim senhor, com mostras de fidalguia no porte e no trajar. Mas tu, melhor do que eu os ouviste ao almôço: — a Rosa a oferecer-lhes isto, e éles a negarem-se-lhe, com a mão no estômago. A Rosa a chegar-lhes aqui, e éles a torcerem-se, com dores no fígado. Estes os lordes da nossa condição. E as criaturas de condição feminil? Bonitas e airosas, não haja dúvida. Uma vi eu, olha, era das que vinham na tua companhia — com um palminho de cara... de atormentar uma colegiada de santos. Vi outra, esta logo ao abrir da manhã, com tais cabelos na cabeça que a própria abelha mestra os tomara por mel. E tôdas, no meneio do corpo... desafiando o donaire da garça mais real. E tôdas, de pele tão clara, que lhes não ganharia em alvura a toalha do altar-môr — até, ao que se diz, as nascidas a atirar ao escuro...

«Mas no tocante a saúde — não o publico por aleviosia! — só têm a que puxam ao rôsto... por artes do Mafarrico...»

«Agora os meus, os simples a quem dou sustento. Cada pedaço de homem, eh gentes forçosas de Trás-os-Montes! — capaz de subjugar o toiro no alevante da marrada. Estômagos e fígados... que aceitavam o rosalgar se os seus donos lhe tirassem a prova — bebendo de bôrco, levantando aos quartilhos, não as águas salgadas dos teus amigos, mas a água soalheira das nascentes, sangue da terra mãe! mas o palhete jovial da Ribeira de Oura, puro sangue de Jesu Cristo!

«E élas, as cachopas que me querem bem? Vai cubicá-las à missa do dia, que as tens lá, às revoadas — e há-de lobrigá-las com papoilas a abrir no rosto; em requebros de rolas no confessar; no rir em répiques de baptisado. Marias... de tôda a parte. Rosas de todo o ano. Cada rapariga que faria gôsto merecê-la — era como se nos entrasse em casa pomar cheio de flor e fruto. Cada mulher que nem uma torre — com as fagueiras sinetas dos seus chamando os filhos à comunhão.

Irritado, enervado, congestionado, a raiva ao rez da pele, o desprezo na tenção facial, o pão da cidade, maneirinho, loirinho, côrãozinho, macou em seco. E na sua voz polida de contrato, protestou para consigo:

— Imbecil! Aposto que nem ao menos sabe, que onde há trono, sou eu quem dá de comer a El-Rei!

— Olha o Maricas! Antes continuaras calado, que mais lucravas! Dás de comer a El-Rei? E eu dou de comer ao cavador — e diz-me onde há rei que o seja, sem enxada que lhe faça o reino!

— Atrevido! — replica o outro, crescendo no tom e na vibração: — Se sou eu, desde a Ceia, o corpo de Jesus!

— E eu corpo e alma dos pobrezinhos, seus irmãos verdadeiros — os que vão por mortórios e romarias persignando-se e rezando: — pão nosso, de cada dia, nos dai hoje...

.....  
E não disse mais o pão loiro da cidade.  
E mais não disse o pão moreno da minha terra.



# NORMAS DO PERFEITO CONVIDADO

*(Dia a dia nos chegam evidentes provas de consideração e estima a encorajar os esforços que estamos realizando para a divulgação das letras castelhanas nas páginas da Ilustração, que já pode ser justamente considerado como um variado mostruário do melhor e do mais moderno que se publica no país vizinho. Hoje é Júlio Camba, o admirável humorista galego, que nos vem trazer o concurso zaloso da sua notável colaboração, oferecendo-nos do seu último livro recentemente publicado e que constituiu um ruído êxito de crítica La casa de Lueulo ó el arte de comer estas profundas máximas que, retratando fielmente o singular espírito duma forte personalidade de escritor, podem, sem dúvida, ser de grande utilidade para alguns dos nossos leitores que se vejam na contingência de não desprezar das regras da cerimónia aquele fundo saboroso e prático que Júlio Camba coloca no primeiro plano das suas louváveis preocupações).*

Quando aparecer na mesa um prato notoriamente inferior a todos os outros, elogie-se sem reservas. Esse prato é, com certeza, obra da dona da casa.

Durante a refeição, nunca leve a faca à boca e reserve para melhor ocasião as suas habilidades de engole-sabres.

Não caia nunca em dizer: «Que excelente sopa! É a melhor sopa que na minha vida tenho ouvido», aludindo dêste modo faceto ao ruído com que a come o seu vizinho de mesa. Também não deve, em qualquer hipótese, colaborar com o vizinho e tomar parte no concerto.



Júlio Camba  
(Foto Díaz Casariego).

No restaurante tenha sempre um rasgo compensador. Lance generosamente um duro sobre a bandeja do guarda-roupa e não retire nunca mais de cinco pesetas.

Se a esposa do anfitrião lhe der a escolher entre a coxa e o peito dum frango, pode, conforme a confiança que tiver na casa, interpretar o tema alegoricamente; mas cuide muito de não fazer cerimónia com uma senhora, tratando-se duma língua de vaca, dumhas mãos de vitela, dumhas chispes de poteo ou duma cabeça de javali. Todo aquele que se aventurou a tal fracasso lamentavelmente.

Numa casa particular, não limpe nunca os pratos nem os garfos com o guardanapo. Esse exercício, com o qual alguns convidados pretendem demonstrar os seus hábitos de limpeza, costuma causar — não se sabe porquê — muito má impressão às donas de casa.

Aquela água, com uma rodela de limão, é para limpar os dentes. Não a confunda com uma chávena de chá à russa e se julgue na obrigação de a tomar por cortesia.

Atenda bem a sua vizinha de mesa, e quando lhe faltar pão cu vinho, passe-lhe o vinho ou o pão do seu vizinho, a quem não pode deixar de considerar um homem galante.

Quando nalgum restaurante o anfitrião lhe apresentar a lista de vinhos com o designio evidente de que escolha o mais barato, escolha sempre o mais caro. Assim os anfitriões irão aprendendo a escolher por si só uns vinhos aceitáveis.

Não deixe nunca de fazer «sopas» por uma falsa idéa de correcção. O incorrecto é devolver à cozinha, sem tê-lo quasi provado, um desses molhos preciosos que honram uma casa.

Lembre-se, no entanto, que o vidrado dos pratos não forma parte dos molhos, e renuncie a êle.

Tenha sempre um regime alimentício, um regime contra a obesidade, contra a arterioesclerose ou contra qualquer outra coisa, e quando lhe dêem uma má comida, apoie-se nesse regime. É a melhor política.

Quando, em compensação lhe oferecerem uma comida excelente, não faça caso de regime. O melhor de qualquer regime é o prazer de o infringir.

Não imite aquele pundonoroso general que, interrogado por uma menina sobre a quantidade de açúcar que necessitava para o seu café e havendo respondido que, quando o café era bom, êle sempre o tomava sem açúcar, levou a chávena aos lábios e prosseguiu: — Seis ou sete colheresinhas, minha senhora, por quem é!

Se não sabe descascar as frutas dum modo elegante, agarre-se à teoria das vitaminas e renuncie a descascá-las.

Quando quiser que o convidem novamente a jantar em qualquer casa pela abundância de comida que nela lhe deram, diga ao despedir-se:

— Não se pode voltar aqui. Sai uma pessoa empanturrada...

# A IGREJA DE S. DOMINGOS DE BEMFICA E O TÚMULO DE JOÃO DAS REGRAS

A arquitectura da igreja de S. Domingos de Bemfica corresponde à do convento. É simples, sem grande monumentalidade.

Contudo o seu interior é interessante: tem boas linhas, excelentes proporções, é esbelto, bem iluminado, possui desafogo e elegância para o que contribui a cúpula do transepto.

A sua traça marca-a como dêsse tipo de igrejas portuguesas seiscentistas, delineadas pelo italiano Filipe Terzi e seus discípulos, e que tem o seu melhor e mais grandioso e

monumental exemplar em S. Vicente de Fora

É duma só nave, a abóbada de berço, dividida em caixotões, séries de capelas — três de cada lado — em comunicação entre si, substituindo as naves laterais, cruzeiro amplo com grandes altares nos tópos, quasi a meio da superfície do templo, o qual, com o espaço do côro dos frades, corresponde aproximadamente a uma cruz grega.

O altar-mór é uma grande peça de talha do Renascimento na decadência: quatro ordens de duas colunas caneladas, capitéis coríntios suportando as arquitraves em que assenta o arco, dois grandes nichos sobre elas, e no cimo, sobrepujando o entablamento, um grande retábulo — uma tela *A adoração dos pastores* — sob a concha peculiar da Renascença que serve de remate final.

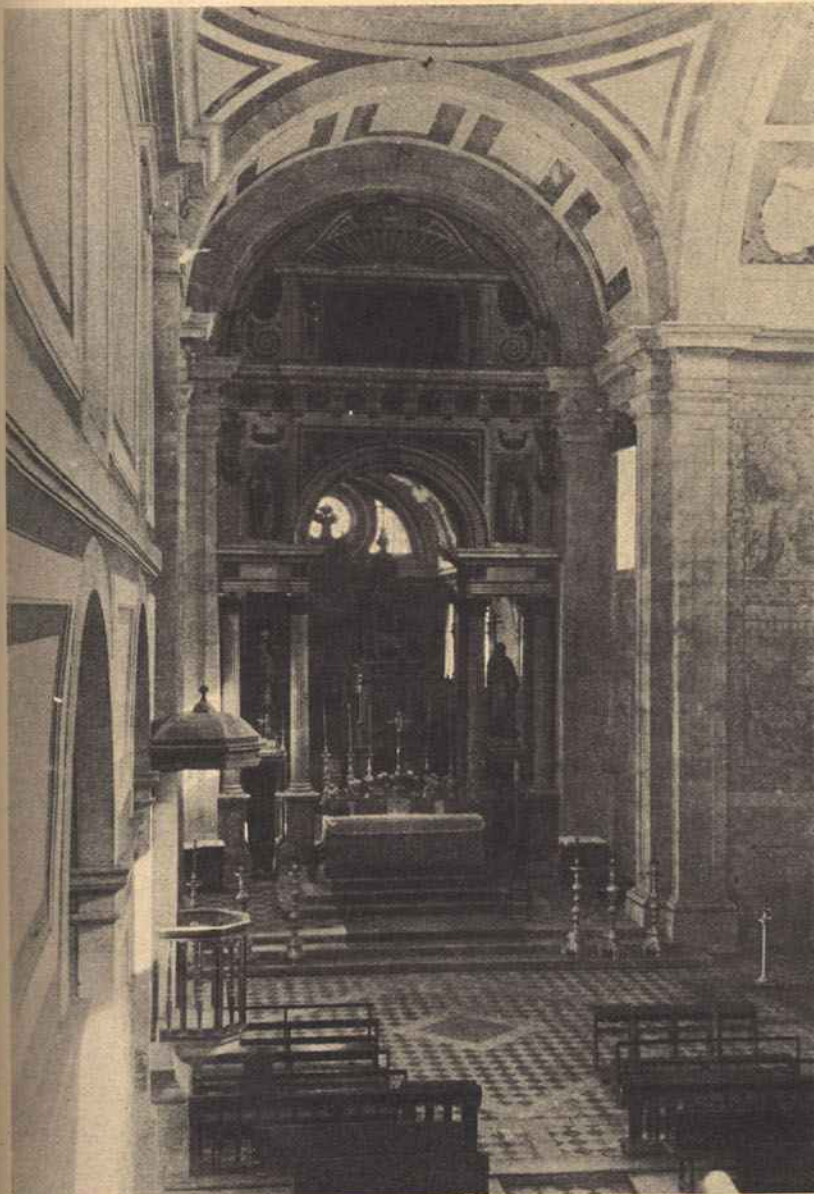
No vão do arco ostenta-se com grande magnificência o sacrário oitavado, exuberante de decoração — figuras, grotescos, baixos relevos — sobre o qual se eleva um baldaquino com pequenas e elegantes colunas, nichos, etc., tendo uma cruz a encimá-lo.

Ao contrário da restante talha do altar-mór e dos outros laterais, ainda o ouro primitivo se exhibe na sua patina.

Entre as colunas, a um tёрço, pespegaram modernamente uns sustentáculos para colocação de duas grandes imagens, prejudicando a estética.

\*

Deveras interessante no templo dominicano de Bemfica é uma capelinha anexa consagrada a S. Gonçalo de Amarante, que foi, como se sabe, grande figura portuguesa da Ordem dos prégadores.



Interior da igreja de S. Domingos de Bemfica — O cruzeiro, o altar-mór e o côro dos frades



## ILUSTRAÇÃO

É toda em mármore — brancos, amarelos, vermelhos, negros, nacionais e de Carrara — com umas esbeltas colunas salomónicas primorosamente trabalhadas e umas magníficas, delicadas imagens, posteriores à construção da capela, como se nota por mal ajustarem aos nichos e por certo obra dos artistas de Mafra ou dos seus discípulos, e marcadamente italianas.

Outras imagens famosas existem na igreja de S. Domingos de Bemfica.

Além da Virgem do Rosário, escultura de acentuado sabor gótico e mandada vir da Alemanha por D. João I, e do célebre *S. Domingos da barba dourada*, na designação popular, existem no altar-mór quatro grandes imagens e no altar do Evangelho um Cristo.

Esta, e S. Domingos, S. Jacinto e S. Pedro Martir, tem sido atribuídas a Manuel Pereira, o célebre escultor português de quem escasseiam os pormenores em Portugal e que tão insigne nome deixou na Espanha ao lado dos Berruguetes, Siloés, Cano e Mena.

Mas são de Manuel Pereira essas esculturas?

Difícil é sustentá-lo, e a conjectura parte da alusão pouco clara de Fr. Luís de Sousa, que atribui algumas de tais esculturas a um grande e insigne engenheiro português.

É certo que Fr. Luís de Sousa e Manuel Pereira são contemporâneos e foi no seu tempo que se fizeram as obras da igreja dominicana de Bemfica.

\*

O côro dos frades é vasto, tem boa luz, certa elegância de proporções, mas resume uma grande penúria de elementos decorativos: os cadeirais são pobres, quasi sem talha, e as pinturas de André Gonçalves nos espaldares são medíocres, como inferior ficou na nossa História de Arte o seu autor; e o órgão, em talha barroca, deteriorado, embora tivesse boas vozes noutros tempos — não há muito, existe ainda quem o ouvisse — não passa dum velho instrumento sem préstimo.

O que se destaca no côro é o túmulo de João das Regras.

É uma peça gótica, do período dominante na época da sua construção (1400).

Na tampa a figura jacente do famoso jurisculto com o hábito de letrado, em grandes pregas à maneira francesa e italiana, a gola larga, o barrete redondo, os cabelos ondulados sobre a fronte. A mão direita segura um livro, e a esquerda, que fôra mutilada e Nepomuceno mandou restaurar, em vez de se encontrar espalmada, como dantes, numa atitude muito natural, aperta agora um rôlo de papel. De resto, o trabalho do *restauro*, decerto obra de qualquer canteiro, é mau, péssimo.



O túmulo gótico do insigne jurisculto João das Regras no côro dos frades

Aos pés do jurisculto assenta o lebrão, símbolo da fidelidade, e à volta da urna desenvolvem-se os ornatos góticos, entre os quais se destacam o escudo do fidalgo magistrado e a inscrição.

A estátua jacente apresenta um curioso trabalho quanto à indumentária. Com razão, Gabriel Pereira, que além de arqueólogo era um etnógrafo, refere: «é um documento precioso de indumentária».

E é o valimento deste túmulo medieval do célebre jurisculto que atrai sobretudo a S. Domingos de Bemfica o visitante desconhecedor de mais alguma coisa que sob o

aspecto artístico lhe é incomparavelmente superior.

Mas S. Domingos de Bemfica constitui um pequeno mas importante panteão.

Repousam lá, além de João das Regras, o jurisculto da independência e de D. João de Castro, o militar da Índia, outros varões ilustres — Fr. Luís de Sousa, um dos mais curiosos prosadores da nossa literatura clássica, e Vasco Martins de Albergaria, herói de Ceuta, e do séquito do Infante D. Henrique, morto em resultado de feridas no combate — os Monsantos, os Botelhos e mais gente de *algo*, frades da primitiva população do convento e outros não menos insignes — se encontram no templo principal, no

corpo da igreja, no côro dos frades e noutras dependências, em campas rasas, em túmulos murais, e em sarcófagos colocados nos menos indicados locais e disposições...

O architecto Nepomuceno, restaurador da igreja há 40 anos, pespegou com o do camareiro do Infante D. Henrique sobre umas misulas no alto duma das paredes do antecôro, à laia de depósito de água, como muito bem comenta Gabriel Pereira.

S. Domingos de Bemfica é, pois, um pequeno mas importante panteão e como diz o sr. Raúl Proença «poveia-se de recordações gloriosas».

CRUZ CERQUEIRA

AOS OUVIDOS DO MUNDO

SUISSA PITORESCA, SUISSA INDUSTRIAL, SUISSA DESPORTIVA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES DE UM JORNALISTA SUISSO ACERCA DE PORTUGAL

— Duas horas que decorreram numa camaradagem sincera e deixaram uma harmoniosa impressão de um país que não conheço, mas desde já posso admirar e respeitar, vou aqui anotando rapidamente quanto possível.

— A Suíça! Mas a Suíça é um país da Europa Central que bem pouco se preocupa com a outra Europa! Um país de turismo e, portanto, um país rico!

— Mais je suis un journaliste, et je veux

repeto sempre nas minhas resposta que para lá maudo.

— Mas vamos, é preciso que eu lhe diga algumas verdades da activa vida do meu país. A prosperidade do meu país começou por 1850, antes desta data os suíços eram um povo agrícola de camponeses e de soldados mercenários que serviam na Itália, França, Austria e Alemanha. Eram bons soldados, valentes e leais e esta sua lealdade torna-se anedótica e legen-



Um aspecto do alpinismo suíço (5.000'). Dêste pico observa-se o mar das nuvens que se estende aos pés e por cima o firmamento, azul permanentemente, que é a mais formidável apoteóse do infinito para os olhos do homem



Lago de Spiez

connaître le Portugal vraiment, le pays des légendes et des heros par excellence!

Dizendo isto o sr. Emile Gerber com uma notável precisão de datas históricas que não pode fixar, números estatísticos, narração de factos contemporâneos e manifesta elevação de espírito de cultura que se destina a observar, compreender e fazer compreender, conseguiu transformar a minha indiferença pela Suíça em curiosidade crescente de a conhecer.

— A Suíça é um sanatório aberto para todo o mundo. Entra-se na Suíça doente e sai-se curado. A laboriosa população helvética possui um tal bom senso prático que, na Suíça, não se toleram impensadas precipitações nem tardios arrependimentos. E tem o senhor um exemplo que bem friza esta mentalidade do meu país: a resposta que o sr. Briand recebeu da Suíça, e tão demorada foi ela que primou por ser a última ao «memorandum» de 17 de Maio.

— O ambiente suíço é sereno e não tem as exaltações explosivas dos países do Sul, nem as asperezas dos países do Norte. Não pode calcular, pois, as solitudes da natureza suíça para tornar o homem bom e saudável.

— Ninguém pode imaginar a Suíça sem a vêr com os seus próprios olhos. Acho impossível reconstituí-la através das descrições que dela fazem os escritores.

«Tem saudades da sua Suíça?»

— Tenho mas elas não me impõem o meu regresso imediato. Não sei se sabe que os suíços viajam muito. Eles têm a psicose universalista de aprender e ensinar que é o sentido bilateral da vida do homem moderno.

— Disse-lhe que os suíços cultivam o sentimento de viagens, nada mais justo, mas vou completar: os suíços sempre voltam para a sua pátria como bons filhos e a propósito recorto uma frase «la montagne c'est la liberté et puisque nous l'aimons avant tout, nous y retournerons toujours». É a frase singela que eu lejo em todas as cartas que recebo da Suíça e

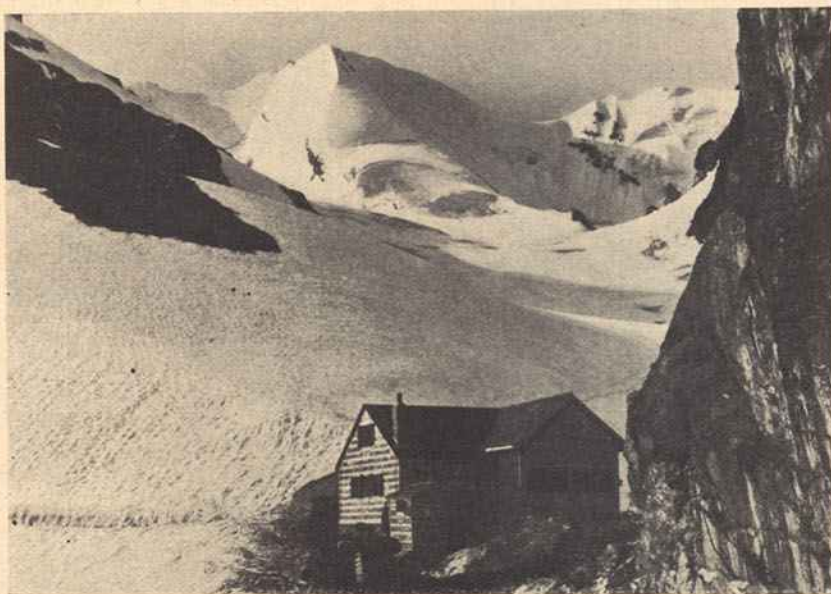
dária na história da Revolução Francesa, quando os noventa soldados suíços morreram estóticamente defendendo o rei dos franceses.

— Mas neste momento não interessa ao meu país a cantata histórica da Revolução Francesa, porque a verdade irrefutável da vida serena do meu país, necessita de permanecer metódica e ordenada a despeito das contagiosas trepidações de interesseiros nervosismos que trazem

o mundo europeu convertido numa perfeita Babel.

— Como sabe, a Suíça tem quatro fronteiras guardadas por 450 mil homens. Temos fábricas importantes como aquelas que produzem o avião que transporta 160 pessoas. Ninguém ignora no mundo a nossa indústria de relógios, assim como a nossa indústria de motores para barcos. Depois da guerra electricificamos todos os nossos caminhos de ferro. Ao lado deste movimento industrial estão as nossas tecelónias de algodão e lã, as rendas da Suíça Oriental, e de Saint Gall, que antes da guerra rendiam 200 milhões de francos suíços. Enfim pode-se dizer que grande luxo em plena prosperidade porque não temos carvão para as outras.

«Pique bem certo que enquanto toda a Europa se agita em atar e desatar alianças sob a falsa égide dos chamados impulsos humanitários que mal disfarçam raivas, zelos e desenganos hereditários, a Suíça vive as suas costumadas horas de trabalho, perfeitamente insulada, atendendo apenas os vagos ruidos que



A montanha suíça toda de géis, que se chama Mulier Branca



Pico da Montanha Virgem (4.200\*)

chegam aos seus ouvidos e as solicitações que lhe são endereçadas.

«Pois bem eu creio que o seu interesse de conhecer o meu país está suficientemente satisfeito e agradeço-lhe muito essa delicadeza. Agora devo render as minhas homenagens de admiração por esse belo e encantador Portugal, pátria de poetas e heróis.

E o senhor Emile Gerber desdobrando um exemplar do jornal suíço *Schweizerisches Kaufmännisches Zentralblatt* redigido em francês, alemão e italiano passou a traduzir uma correspondência enviada de Lisboa :

*Meu querido amigo :*

«Já há bastante tempo que os pássaros voaram para o Norte. Infelizmente não posso eu fazer o mesmo. Assim, estas linhas vão dar-te as minhas notícias.

«Escrevendo-te tenho que pensar na nossa última ascensão feita nas montanhas de Wildstrubel.

«Aqui no meio sul, embora não possa fazer essas viagens forçadas, proporciona-se-me a ocasião de manifestar a agilidade, lutando com o poder do Neptuno, não na Costa do Sol, que pode ser considerada a sala de visitas de Portugal e onde o mar com as suas vagas mansas se esforça por mostrar-se hospitaleiro e aristocrático

craticamente agradável ao estrangeiro, mas na Costa de Caparica, que se encontra exposta ao furor do Oceano.

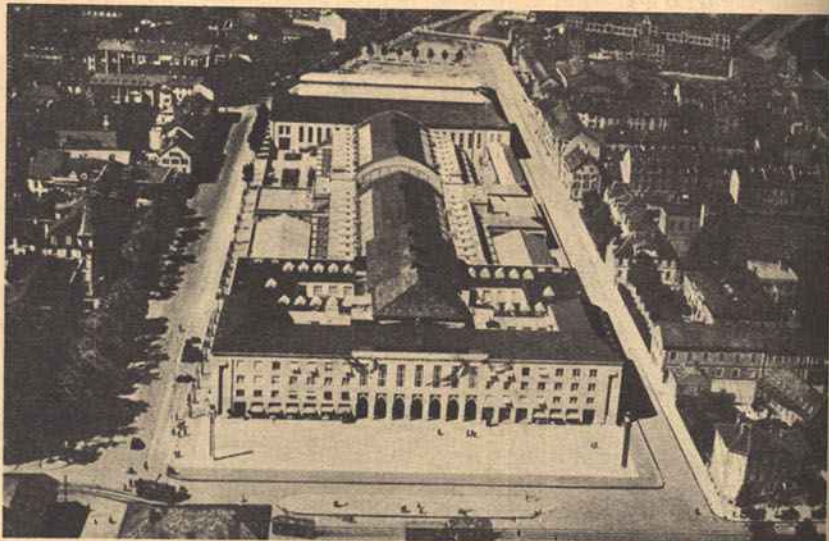
«Lisboa caracteriza-se pelos seus monumentos, que erguem para o céu azul as suas esbeltas silhuetas. A Avenida da Liberdade por sua vez acentua ainda mais o carácter desta cidade, que sendo diferente das suas irmãs europeias, tem grandeza e beleza que particularmente impressionam o visitante. Quanto mais, nós os estrangeiros, penetramos na sociedade portuguesa, melhores surpresas deparamos, definindo-se assim a alma que vive na periferia do continente europeu. Assim me sucede, sempre que vou examinando as fisionomias das pessoas e estabelecendo relações esporádicas com elas.

«Aqui o meio ambiente é completamente diferente da Europa Central, e como em um disco giratório a velocidade da rotação na periferia é maior do que no centro, assim a vida portu-

guese é mais movimentada do que na Suíça.

«Portugal soube sempre atrair sobre si a atenção do mundo com as gloriosas viagens dos seus navegadores ilustres, numa série ininterrompida, que vem terminar com o grande feito da navegação aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

«Portugal é um país essencialmente agrícola e a sua indústria está muito atrasada em relação à Europa Central. Os produtos de exportação são em primeiro lugar o vinho (o Porto), uvas, laranjas, peixe, azeite de oliveira e sobretudo a cortiça que é a sua riqueza maior. A exportação podia ser mais desenvolvida se em



Feira de Amostras de Basileia

Todos eles sentem-se felizes com este clima ideal sob a luzente cúpula do céu do Sul, só vagamente recordando com saudade as montanhas suíças.

«Durante o verão não faz muito calor e durante o inverno a temperatura não chega a zero.

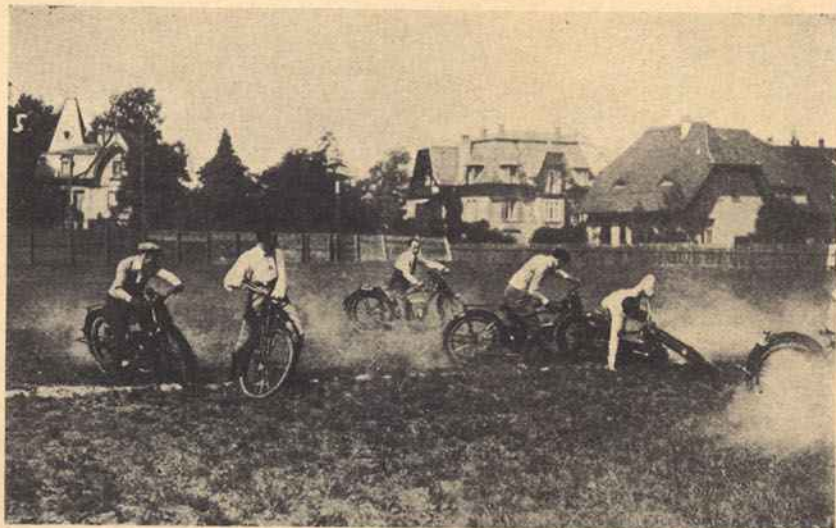
«A língua portuguesa tem uma importância sempre crescente para manter as relações entre Portugal e a América. Mas chamo a atenção dos meus compatriotas para a ortografia da língua que é diferente da ortografia brasileira. A causa é a seguinte: há pouco mais ou menos de 15 anos a ortografia portuguesa foi muito simplificada obedecendo-se ao critério de — escrever como falas — e em sua consequência todas as consoantes dobradas foram abolidas, salvo raras excepções, que confirma a regra. As letras nas palavras cuja existência não está na fonética mas na etimologia foram substituídas pelos valores correspondentes. Os brasileiros não aceitaram esta reforma continuando a ter a velha ortografia etimológica. Mesmo em Portugal muitas pessoas cultas continuam escrevendo a antiga; outros escrevem segundo o sistema novo, não faltando, para a confusão dos estudiosos estrangeiros, muita gente que consciente ou inconscientemente mistura as duas ortografias. Para os estrangeiros é recomendável no entanto, o estudo da nova ortografia simplificada, porque o próprio Brasil cedo ou tarde terá de aceitar por força das circunstâncias o sistema da ortografia fonética.

«E para terminar esta carta recebe os melhores cumprimentos do teu amigo e compatriota

EMILE GERBER.

Quando me encontrei com o sr. Gerber estava doente e previ que a sua conversa passada e escrupulosa de ponderado cidadão suíço iria piorar o meu estado. Felizmente não sucedeu o que eu esperava. O sr. Gerber em vez de me pregar com uma massada reverenda, curou-me a dor de cabeça.

EUCARISTINO DE MENDONÇA.



Jogo de moto foot-ball em Berne

# MODAS

DE

# PARIS



UM LINDO MO-  
DELO AGNES  
GALLEWSKI, DE  
BERLIM. VESTIDO  
DE TARDE EM CREPE  
GEORGETTE NEGRO  
COM ORNATOS EM RENDA  
DE CROCHET EM CÔR CRÊ-  
ME, DE ALTA ELEGÂNCIA  
NA SUA EXTREMA SIMPLI-  
CIDADE E SOBRIEDADE

(Foto Orrios.)



UMA RECENTIS-  
SIMA CRIAÇÃO  
DA MODA DE VE-  
RAO. VESTIDO LI-  
GEIRO, DE CAMPO OU  
PRAIA, EM GUEISHA  
BRANCA E PRETA, DESE-  
NHO DE GRANDES FLORES  
ESTILIZADAS E SOMBRI-  
NHA NO MESMO GÊNERO.  
MODELO TREVISE, BERLIM

(Foto Orrios.)



O «À-VONTADE» DO VERÃO  
É APENAS APARENTE. AS  
GRANDES TERMAS, AS  
PRAIAS ARISTOCRÁTICAS,  
EXIGEM MANEIRAS DE  
VESTIR REQUINTADAS,  
DENTRO DA APARENTE NE-  
GLIGÊNCIA. AQUI TEMOS  
UM LINDO E CAPRICHOSO  
VESTIDO EM FOULARD DE

SEDA ESTAMPADO EM CÔ-  
RES RICAS E DESENHOS  
LARGAMENTE DECORATI-  
VOS, TOILETTE DE GRANDE  
CHIQUE COMPLETADA POR  
UM LINDO CHAPÉU CAPE-  
LINA EM CRINA DOIRADA,  
PRÓPRIO PARA UMA ESTÂNCIA  
DE VERÃO DE LUXO

(Foto Orrios.)

# ARTE MODERNA

## O PINTOR CATALÃO

### JOSÉ TOGORES

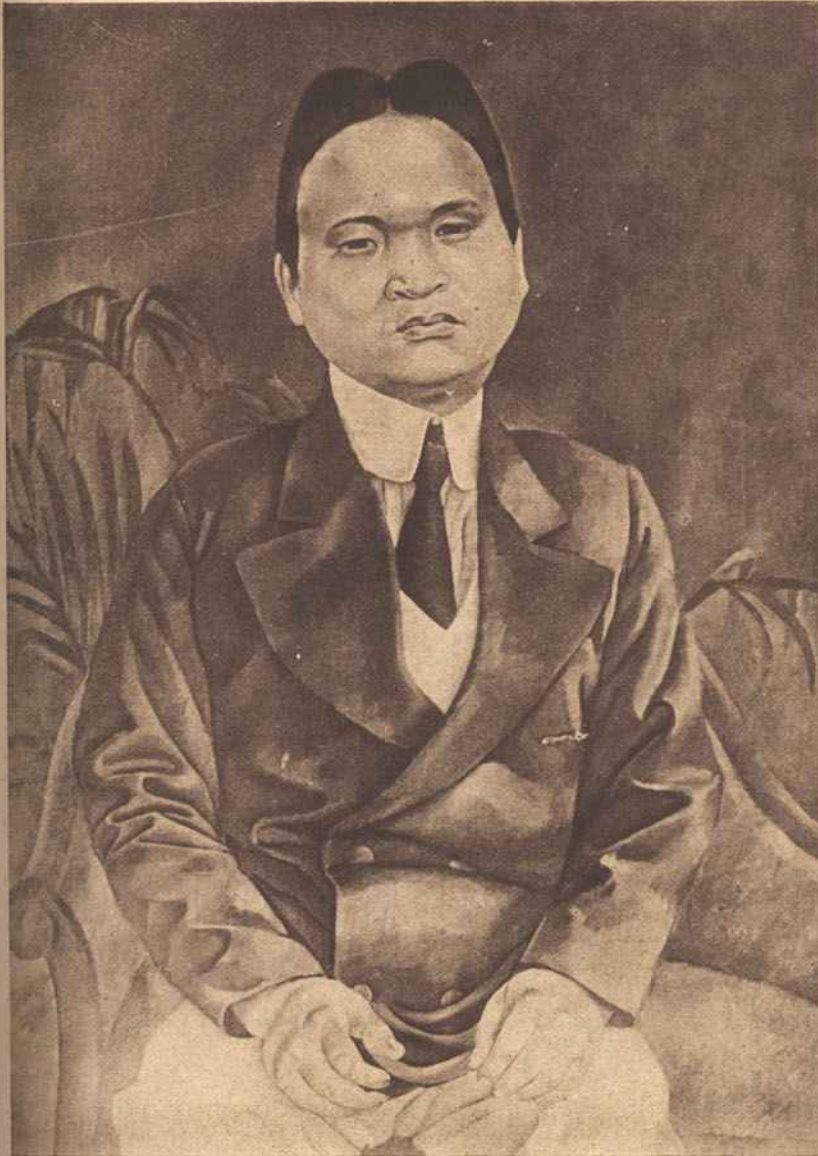


Aqui há dias fomos encontrar na biblioteca do Ateneu, onde a nossa literatura está valiosamente representada, um interessantíssimo livro de Manuel Pinheiro Chagas sobre a sua primeira viagem a Madrid. A observação minuciosa do retórico estilista alia-se a amenidade mais sugestiva, e é curioso notar como um dos mais lídimos representantes, pelas suas qualidades e defeitos, do Portugal de há cinquenta anos, regista os pormenores mais insignificantes para dar à sua pátria, em face do país vizinho, categoria de povo superior.

Homens costumes e indumentária, quando não provocam um gesto nervoso, apreciam-se generosamente com um magnífico sorriso de desdém. E até no campo literário e artístico todos aqueles valores que o insigne autor da *História de Portugal* lobrigou projectados nos horizontes da posteridade por obra e graça dos seus livros imorredoiros, são hoje letra morta aos olhos da crítica menos rigorosa. Tudo isto vem provar que se, em relação aos homens, meio século foi suficiente para derruir aquela espécie de consagrações que, na frase gasta do tempo, enchiam toda uma época, em muitos menos anos de com-

penetração e entendimento, os povos converteram os seus receios e más-vontades em gestos francos de lealdade e respeito.

Catalogar os povos em superiores ou inferiores é limitada medida para abranger o amplo e complexo espírito das raças, tanto mais quando êles são, como no presente caso, filhos duma mesma raça. A valorização dos elementos componentes dum todo só reside na sua diferenciação. Satisfaçamo-nos, portanto, em demonstrar que somos diferentes, porque, sendo mesmo inegável que tôdas as nossas diferenças têm à quem fronteiras as suas semelhanças correspondentes, «a semelhança e a realidade são coisas muito diferentes» (Balmes — *El Criterio*). Deixemos



aquela catalogação para os nossos papás das passadas décadas, que, filhos de *bons franceses*, avaliavam da superioridade própria pela gentileza duma *versalhesca* ou pela correção com que se envergava uma *sôbr-casaca*.

A presença dos *manos gémicos* da História da Pintura nos amplos salões do Museu do Prado arrancou ao nosso escritor, como não podia deixar de ser, frases de declamatório entusiasmo. Do capítulo referente a esta visita destacamos o seguinte parágrafo, que se bem sirva para louvar a honestidade de Pinheiro Chagas quando se confessava profano em questões de arte, é muito mais elucidativo no que à visão pictórica da época se refere: «Notamos entre *esses copistas* um moço valenciano dos seus catorze anos que fazia uma cópia em miniatura da «Adoração dos Pastores», de Murillo. A cópia era admirável e as ideais figuras do grande pintor sevilliano reproduziam-se no pequenino quadro com pasmosa perfeição. Pintores portugueses que visitaram connosco o Museu, presagiaram ao moço valenciano um belo futuro artístico».

Note-se que o brilhante orador do nosso século passado deixa cautelosamente o preságio à responsabilidade do grupo de pintores portugueses que o acompanhavam. Quem



êles eram, não no-lo diz Pinheiro Chagas, mas famoso jurar que à sua pátria não legaram grandes obras. E, quanto ao habilidoso mocinho valenciano, estamos em crer que Valência, terra de exuberantes coloristas, se esqueceu de lhe registar o nome na variada galeria dos seus magníficos pintores.

José Togores, de cujos primeiros passos algumas notícias temos, nunca foi copista. Cruentes necessidades atiraram com centenas de quadros seus para as fauces de negociantes insaciáveis. A febre criadora e a inquietação espiritual não lhe deixavam, verdade seja, tempo para copiar. Mas, embora o tempo sobrasse, os olhos do jovem artista, em plena preocupação de outras necessárias visualidades, não poisavam em coisas mínimas e nímias. Não deixou, por isso, de familiarizar a retina com os processos dos grandes mestres da pintura universal; mas foi penetrando-os, e não copiando, que êle adquiriu a profunda cultura pictórica que os seus trabalhos acusam.

«Muito antigo e muito moderno». A fórmula lançou-a «Azorin» numa recente conferência sobre as normas em que deve assentar o teatro actual. E a fórmula pode-se estender a tôdas as manifestações da arte moderna. De antigo, o que soube seleccionar

Togores: os elementos imprescindíveis para chegar gradual, lógica e coerentemente à expressão pictórica que a nossa sensibilidade hoje requiere e de que o moço pintor espanhol é, pela sua interpretação fiel, um dos mais autênticos representantes. O todo equilibrado e sereno dos seus quadros conseguido pela observação minuciosa, cuidada e voraz de cada um dos detalhes, por vezes com tensão nervosa e gráficos emotivos, dá-nos uma impressão de domínio sobre si e

de consciência do caminho que pisa, que só excepcionalmente se encontra num artista da mesma orientação ideológica. Antes da corporalidade plástica a figura já tinha vida na mente do artista e foi com essa vida, com essa única vida, que ela lhe serviu de modelo.

A arte de hoje não foi indiferente à convulsão individualista que sacode tôdas as manifestações, mesmo as mais espirituais, da época que atravessamos. As escolas abundam, é certo; mas — e o caso de Togores é bem evidente! — o indivíduo, mesmo dentro duma determinada directriz artística, afirma tão violentamente os seus direitos a sentir e pensar por si que os preconceitos das escolas ficam em plano secundário. E foi assim que êste excelente pintor catalão, consagrado nos principais centros artísticos da Europa como um dos mais sólidos valores da pintura moderna, que pela primeira vez expoz em Madrid há um ano, aproximadamente, pôde confirmar, ante a rigorosa crítica madrilena, a grande fama de que vinha precedido.

Madrid, 1930.

NOVAIS TELXEIRA.



# CINCO CARTAS DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA PARA A HISTORIA DA PATULEIA

Consentiu-me vê-las estudá-las e reproduzi-las, a boa amizade do dr. João Lapa, seu possuidor, como descendente do barão de Vila Nova de Ourém a quem foram dirigidas no decurso das operações de 1847 contra os revoltosos da Junta do Pôrto.

São cinco cartas, escritas em pano, sendo duas assinadas por Saldanha e as outras pelo barão da Luz em transmissão de ordens do marechal ao coronel barão de Vila Nova de Ourém, comandante de uma activa brigada, que prestou ao Governo os mais assinalados serviços durante a guerra civil.

Para boa compreensão dos seus dizeres é indispensável recordarmos os traços gerais dessa prolongada luta, que foi um dos vários episódios bélicos das divergências políticas, nacionais dos primeiros tempos do regime constitucional.

A «emboscada» de 6 de Outubro de 1846, derubando o ministério Palmela e elevando o marechal Saldanha à presidência do novo governo, foi a causa próxima da revolução, em que se arremeteram aqueles que attribuiam, com ou sem motivos sérios, tal substituição a maneios dos Cabrais recentemente apeados do poder.

Em poucos dias incendiou-se a revolta do norte ao sul do país; de tal modo que, ao sul do Tejo, o governo só podia contar com a praça de Elvas; e, ao norte do mesmo rio, com algumas forças destacadas que mandou concentrar na capital para a formação do corpo de exército a opôr às tropas revolucionárias do Pôrto, apoiadas por fortes guerrilhas manobrando livremente na Estremadura e nas Beiras. Só ao norte do Douro, em Trás-os-Montes, existiam forças fieis comandadas pelo visconde de Vinhais e pelo barão do Casal.

Tão precária parecia a situação, que o marechal Saldanha, ao passo que preparava a de-

fesa militar, apelava para a intervenção das potências pactuantes da Quadrupla Aliança, encontrando pela frente a opposição da Inglaterra.

O mês de Outubro daquele ano correu pois agitado e sombrio, dando-se início nos seus últimos dias aos movimentos de tropas com que se abria a guerra: — o conde das Antas, deixando o governo do Pôrto ao visconde de Sá da Bandeira, marchava ousadamente sobre Lisboa, chegando a Leiria a 28; e o barão do Casal, partindo de Vila Real de Trás-os-Montes, passava por Penafiel a caminho do Pôrto, buscando um encontro com Bernardo de Sá.

O mês de Novembro não trouxe melhor cariz do drama iniciado. Enquanto Saldanha, saindo de Lisboa se vê obrigado a mudar o eixo da sua marcha para defrontar-se com o conde das Antas, que vai abrigar-se nos muros de Santarém; o visconde de Sá da Bandeira repele e persegue o barão do Casal até Chaves e é por êle e pelo visconde de Vinhais batido em Valpasos, de onde regressa desbaratado ao Pôrto.

Dezembro traz, enfim, um momentâneo aspecto de solução favorável ao governo. Há mais de 15 dias que o marechal Saldanha, nas suas posições do Cartaxo, Vale de Santarém e Póvoa de Santa Iria observa a muralha scalabitana que defende nas alturas o seu adversário. Dur-se-há o combate naqueles terrenos? Não sendo possível um cerco rigoroso, nem aceitável por falta de elementos a hipótese de um assalto, que espera Saldanha? Talvez uma falta do inimigo desejo de ultimar a acção. Entretanto manda limpar de guerrilhas os campos da Estremadura.

É agora que nos aparece o futuro barão de Vila Nova de Ourém, a quem são dirigidas as cartas que motivam estas linhas, o coronel José Joaquim Januário Lapa que chega com a sua brigada às portas de Leiria, de onde se vê obri-



O Marechal Saldanha (segundo um desenho da época)

gado a retirar para o sul, a fim de não ser cortado do exército pelas tropas do conde de Bonfim que o das Andas mandara sair de Santarém e que, pelas Caldas da Rainha, iam meter-se em Tórres Vedras.

Dera-se a falta esperada por Saldanha.

No dia 22 de Dezembro dá-se a batalha de Tórres Vedras de que resulta o aniquilamento da força do conde de Bonfim, que é derrotado e prêso. Foi uma disputada batalha em que houve de parte a parte prodígios de valentia, na qual foi ferido de morte Luís Mousinho de Albuquerque; na qual, pelas gentilezas praticadas, o coronel José Lapa mereceu o título com que veio a ser honrado.

Sob êstes auspícios entrou o ano de 1847, vendo o conde das Antas retirar sobre Coimbra para o Pôrto e o marechal Saldanha avançar vitorioso por Santarém sobre Coimbra.

Pedirá ainda a intervenção estrangeira?

Os acontecimentos parece darem-lhe razão. Pois não surge simultaneamente um movimento miguelista chefiado por Mac-Donald que naquele momento se encontra em Amarante?

*Meu querido Barão. Resolvi passar o Douro logo que me conste a chegada do general a essa Villa, e para isso peço ao amigo Vinhais que venha tomar o commando da Divisão que aqui fica; por-me-há em marcha para Villa Real logo que saia quando o conde do Casal ali chegar. Na entretanto conserve-se no N.º 1.º Ex.º sobre a passagem do Douro no Regor. V.º Ex.º tomará o commando da força que acompanhava o conde de Vinhais.*

*De N.º 1.º Ex.º*

*Oliveira de Azeite Am. verdadeiro*

*11 de Março de 1847.*

*Saldanha.*



É certo que se mudara nada terem com isso os miguelistas de consideração e de influência, dizendo-se que Mac-Donald viera de Inglaterra com Saldanha no ano anterior, que a acção do primeiro fôra combinada com o segundo para justificar o pedido de intervenção, no caso de revolta nacional consequente da «embuscada»...

Mas não apparecia agora o velho general Póvoas, o célebre miguelista batido na batalha de Almofter (1813) proclamando ao povo da Guarda como comandante militar das duas Beiras, nomeado pela Junta do Pôrto?

O pior é que o general Póvoas nada tem com Mac-Donald; e Saldanha, que de Coimbra marchára para Agueda, não tem forças bastantes para atacar o Pôrto.

Ao contrário do que seria para supôr-se, depois da vitória de Torres Vedras, a sua situação não é brilhante. O barão do Casal está em Valença ameaçado pelo conde das Antas e pelo barão de Almargem, que o vigiam de Braga e de Barcelos. A ligação de Saldanha com as forças do Vinhais fêz-se pelo Pêso da Régua, mas não pôde ir além da troca de informações. O general Póvoas manobrando nas Beiras é um perigo a ameaçar a marcha das tropas fiéis para o seu objectivo, que é o Pôrto.

Aniquillar o Póvoas é o dever do marechal para desafrontar os flancos durante a marcha. É incumbido dessa missão com a sua brigada, o coronel José Lapa, feito dias antes barão de Vila Nova de Ourém.

Referem-se a essas operações as duas cartas seguintes escritas em Agueda no mesmo dia 14 de Fevereiro:

E. M. G.—B. Q. M. G.—1.<sup>a</sup> Divisão—  
 II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. S. Ex.<sup>a</sup> o Marechal approva as suas operações: tem ordenado q. o Regimento de cavallaria n.º 4 fique toda á sua disposição, bem como a reserva de pólvora da 1.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, ou a parte della que carecer, e isto alem de 9.600 cartuxos, que já estão em Vizeu á sua disposição. S. M. lenciona marchar para Oliveira d'Azeméis logo que aqui chegue a Brigada do Barão de Francos.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Quartel Genêral em Agueda 14 de Fev.<sup>o</sup> de 1847.

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Barão de Villa Nova d'Ourem.

O coronel serv. de Q. M. G. (a) Barão da Luz.

A segunda carta, escrita poucas horas depois da primeira serve-lhe de confirmação e aditamento:

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—S. Ex.<sup>a</sup> aprova os seus movimentos, e posto que tenha ordenado que o Regimento de Cavallaria n.º 4 seja posto á disposição de V. Ex.<sup>a</sup>, attendendo á necessidade que ha de que a Brigada do Coronel Barão de Francos reuna quanto antes a este Exército, e por isso talvez não lhe seja possível fazela acompanhar por Infantaria, sendo arriscado que ella marche só por esse país, só terá logar a reunião caso não haja risco, nem se demore a marcha do referido Coronel.

Em Vizeu existem 9.600 cartuxos, mas attendendo á grande distancia em que V. Ex.<sup>a</sup> se acha hoje d'aquêle ponto, assim como deste Q.<sup>o</sup> Gen.<sup>o</sup>, a V. Ex.<sup>a</sup> talvez seja mais facil haver a pólvora de que carece directamente de Coimbra; entretanto com o Batalhão d'Infanteria n.º 14 lhe será mandada a que fôr possível.

D.<sup>a</sup> Gr.<sup>o</sup> a V. Ex.<sup>a</sup> Q.<sup>o</sup> Gen.<sup>o</sup> em Agueda 14 de Fevereiro de 1847.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Barão de Villa Nova de Ourem.

(a) Barão da Luz. Q.<sup>o</sup> G.<sup>o</sup>.

Oliveira d'Azeméis 17 de Fevereiro de 1847

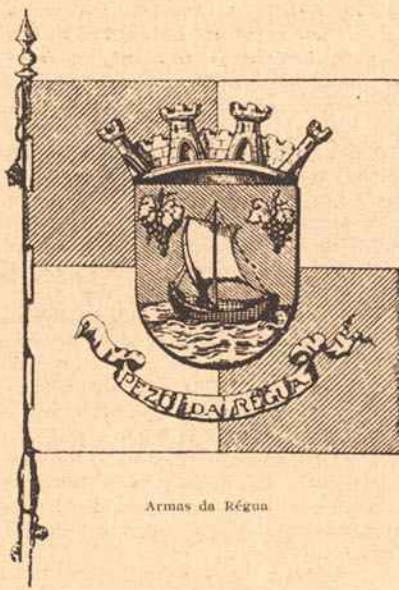
Meu querido Barão — Ha muitos dias que na da sã Directoria de V. Ex.<sup>a</sup> meo de Torres Vedras do Casal. — Digam-me de Braga que o Al. margem d'ahi para Guimarães onde de Montem in 10 horas da marcha locam do 900. homens e que na ultima Villa estua e 2 de sagadous na força de 300 e que se suponha marcharia sobre Alm. ante. continue a apianar-me de Porto que o Povoas prepara uma expedição para entrar na Beira. Eu não sei qual é a força do Casal, e fugo sobre este ponto e sobre o seu estado os esclarecimentos que V. Ex.<sup>a</sup> tenha obtido. — Digam-me V. Ex.<sup>a</sup> quanto monta a força reunida de V. Ex.<sup>a</sup>, Casal, e Torres Vedras, diga-me o que posso esperar della. Se a julga em estado de esperar, e bater aquella com que Almargem e Povoas reunidas se possa atacar. — Eu espero que em 2 ou 3 dias tenhamos um ponto de partida que nos habilite a concluir a guerra com brevidade; mas daqui até lá se as forças que considero reunidas hoje em Villa Real não fôrão sufficientes para fazer face ás dos rebeldes Almargem e Povoas, é indispensavel que em caso de necessidade de partem á margem esquerda do Douro para conservar nos as Beiras e a Estremadura. — As forças rebeldes no Alentejo e Algarve tem augmentado muito consideravelmente. Consta-me agora mesma que os rebeldes de Castello Branco na força de 600. homens entrarão na Guarda, retirando-se os modas para ozelario. — Não escrevo ao Vinhais porque o suponha em marcha para aqui com consequencia do que lhe escrevi em 11 do corrente, mas se elle ainda ali estiver que tome esta como sua e que responda tambem

De V. Ex.<sup>a</sup>  
 Dom. Verdadeira  
 Saldanha

Tinha razão o marechal Saldanha em estar satisfeito com os movimentos do coronel Lapa, que desejoso de aniquillar o general Póvoas, atingira a Covilhã dois dias antes de serem escritas aquelas cartas e buscava impeli-lo à sua frente para o norte a fim de o obrigar a cair nas mãos do conde de Vinhais se quisesse passar o Douro, ou nas de Saldanha, se para evitar aquele, obliquasse para a esquerda em demanda do Pôrto. Isto, é claro, no caso de não

poder aniquilá-lo em combate o que não seria facil dada a extrema mobilidade das forças guerrilheiras de Póvoas.

Realmente não conseguiu o barão de Vila Nova de Ourém senão acoçá-lo e foi ainda aquella mobilidade auxiliada por um bom serviço de informações (não esqueçamos o caracter popular da revolução) que salvou Póvoas de cair nas mãos de qualquer dos seus três inimigos.



Armas da Régua

Oliveira de Azemeis 17 de Março de 1847.

Men querido Barão—Ha multos dias que nada sei directam.<sup>te</sup> de V. Ex.<sup>a</sup> nem do Vinhaes ou do Casal.—Dizem-me de Braga que o Almargem saiu dali para Guimarães antes de hontem ás 10 horas da manhã levando =900= homens e que na ultima villa estava o 2 de Caçadores na força de 300 = e que se sopunha marcharia sobre Amarante. Continuão a affirmar-nos do Porto que o Povoas prepara uma expedição para entrar na Beira. Eu não sei qual é a força do Casal, e peço sobre este ponto e sobre o seu estado os esclarecimentos que V. Ex.<sup>a</sup> tenha obtido.—Diga-me V. Ex.<sup>a</sup> a quanto monta a força reunida de V. Ex.<sup>a</sup>, Casal e Vinhaes, diga-me o que posso esperar della. Se a julga em estado de esperar e bater aquella com que Almargem e Povoas reunidas a possa alacar.—Eu espero que em 2 mezes teremos um poderoso auxilio que nos habilite a concluir a guerra com brevidade; mas daqui até lá se as forças que considero reunidas hoje em Villa Real não forem sufficientes para fazer face ás dos rebeldes Almargem e Povoas, é indispensavel que em caso de necessidade passem á margem esquerda do Douro para conservar-nos as Beiras e a Extremadura.—As forças rebeldes no Alem-Tejo e Algarve tem augmentado mais consideravelmente.—Consta-me agora mesmo que os rebeldes de Castello-Branco na força de 600 homens entrarão na Guarda retirando-se os nossos para Celorico.—Não escrevo ao Vinhaes porque o suponho em marcha para aqui em consequencia do que lhe escrevi em 11 do corrente, mas se elle ainda ali estiver que tome esta carta como sua e que responda tambem. De V. Ex.<sup>a</sup> am.<sup>o</sup> verdadeiro (a) Saldanha.

É evidente a preocupação do marechal Saldanha em presença dos graves perigos que de todos os lados o ameaçam. Salvem-se ao menos, por agora, as Beiras e a Estremadura, já que os adversários, a quem chama rebeldes, tão poderosamente levantam e defendem as quatro restantes provincias.

Seguramente só considera apenas e com razão o terreno que pisam os seus soldados. Succeder-lhe-há, como ás forças do seu partido obrigadas a saír da Guarda pela força dos revoltosos de Castello Branco?

A revolução alastra como petróleo a arder e o manto militar do valente marechal é curto demais para abafar tamanho fogo.

Não o diz mas é claro o seu pensamento da impossibilidade de tomar o Pôrto com as forças de que dispõe. Ignora o estado em que se encontra a base de Vila Real, o effectivo das forças ali concentradas, a ponto de não saber se poderão resistir ao ataque das que possam ir do Pôrto procurá-las; e confia tão pouco na sua posição actual comparando-a com a dos revoltosos portueuses, que nem admite a possibilidade de aproveitar a saída do Almargem e do Povoas da cidade invicta para cair sobre ella com a sua gente.

Volta a não ser brilhante a situação do marechal Saldanha.

É certo que elle espera um poderoso auxilio... Quando virá? Dali a dois meses. Quando elle vier a guerra terminará sem demora.

Mas que auxilio é esse, tão moroso e tão decisivo?

Não o diz o marechal, mas sabemos-lo nós: — é a intervenção das potências signatárias da Quadrupla Aliança. Há quatro meses, ao primeiro rumor da revolta, que a reclamou com instância e dois meses faltam ainda para que

No dia 17 de Fevereiro entrava em Lamego, era informado da posição occupada, na Régua, pelo já conde de Vinhaes a espreitar-lhe a passagem do Douro e do alcancé effectivo das tropas de Saldanha, postas à sua esquerda. Se recuasse, cairia sobre a gente do barão de Francos ou do coronel Lapa. Restava-lhe um partido e tomou-o sem hesitações: — marchar de noite pela estrada de S. Martinho de Moutos. Pouco depois estava são e salvo no Pôrto.

Do mal o menos, pensava Saldanha. Ficavam as Beiras livres de rebeldes organizados sob um comando sério. O leão do norte, batido em Torres Vedras, recuára para além Douro. Era agora preciso batê-lo no próprio fojo, encerrá-lo no Pôrto e, ali, reduzi-lo pelas armas.

Na terceira carta expõe Saldanha a sua opinião sobre a fuga de Povoas e o plano de campanha consecutivo.

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.<sup>o</sup> — S. Ex.<sup>a</sup>, o Marechal do Exército Duque de Saldanha, encarrega-me de accusar a recepção do Officio de V. Ex.<sup>a</sup> escripto da Covilhã no dia 12 do corrente, no qual V. Ex.<sup>a</sup> dá parte dos movim.<sup>tos</sup> que tinha executado para conseguir a aniquillação da guerrilha do Povoas, hontem chegaram porem a este Q.<sup>o</sup> G.<sup>o</sup> dois proprios vindos de Lamego e por elles veio S. Ex.<sup>a</sup> no conhecimento de q. o dito rebelde Povoas entrara naquela cidade no dia 17, e de supôr q. o seu fim seja de seguir para o Porto, quanto mais que elle não se poderia conservar em Lamego por constar que o coronel Barão de Francos devia ali entrar no dia 18.

S. Ex.<sup>a</sup> é de opinião q. não tendo sido aniquillado o rebelde Povoas, nada melhor podia acontecer de q. ler elle retirado para o Porto, por nos deixar as Beiras quasi livres de rebeldes.—A vista pois disto determina S. Ex.<sup>a</sup> o Marechal que V. Ex.<sup>a</sup> marche sobre Lamego, e q. all reunindo todo o Regimento d'Inf.<sup>a</sup> n.<sup>o</sup> 16 com o n.<sup>o</sup> 9 e 60 cavalos passe á Provincia de Traz-os-Montes, entendendo-se com o G.<sup>o</sup> Conde de Vinhaes a quem nesta data se officia.—O objecto desta marcha é reforçar a Divisão do Conde de Casal a fim d'elle nada ter q. temer das forças do Porto, e poder operar segundo convier para o seguimento das operações.—O conde de Vinhaes com a força do seu commando apoiará a marcha da Brigada de V. Ex.<sup>a</sup> e dirigirá os movim.<sup>tos</sup> p.<sup>o</sup> se effectuar a junção com a Divisão do Conde de Casal.

A primeira couza q. hoje á a fazer é o de lançar sobre o Rio Douro uma Ponte p.<sup>a</sup> por meio della se apoiarem reciprocam.<sup>te</sup> as forças do norte e sul; mas é claro que isto não é possível executar-se sem a proteção de um (e) outro lado do rio. Por este motivo o conde do Casal logo q. esteja reforçado com a sua Brigada deve marchar sobre o Douro para um ponto entre o Carvoeiro e entre Ambos os Rios onde seja mais facil o estabelecim.<sup>to</sup> da Ponte. Logo que se saiba neste Q.<sup>o</sup> G.<sup>o</sup> da aproximação ao Douro pelo lado do Norte do conde de Casal assim como do ponto escolhido o Exército avançará egualm.<sup>te</sup>, se antes disso o não ficar aproveitando-se de algum acontecim.<sup>to</sup> q. possa ter logar na Serra ou mesmo na Cidade do Porto.

A demora de uma força p. alguns dias em Lamego é de summa vantagem para dar lugar a organização de Batalhões de Voluntarios não só n'aquella Cidade como tambem em Rezende.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Q.<sup>o</sup> General em Oliveira de Azemeis 20 de Fevereiro de 1847. O coronel serv. de Q. M. G. (a) Barão da Luz.

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Barão de Vila Nova de Ourem.

Em virtude desta carta o coronel José Lapa, à frente da sua brigada passou o Douro na Régua e foi reunir-se ao conde de Vinhaes aquartelado em Vila Real.

Dá-se então um curioso movimento de chefes e de forças. O conde do Casal, que deixámos em Valença sob a ameaça das tropas do conde das Antas, que de Braga marchava sobre Viana, e do barão de Almargem postado em Barcelos, admirado de vê-los retirarem-se para Braga e Famalicão, avança para Viana e tem conhecimento da súbita partida do Antas para o Pôrto, deixando o commando ao Almargem.

Deu-lhe o caso, certamente, rebates de successos importantes, logo aclarados ao saber, por um próprio, da chegada do Povoas ao Pôrto e da reunião do coronel Lapa ao Vinhaes a quem devia também tratar de reunir-se. E então, enquanto o conde das Antas, igualmente informado, corre do Pôrto a unir-se ás forças que deixára entregues ao Almargem, para com ellas impedir o avanço de José Lapa, o conde de Casal sobe o rio Lima até á fronteira da Galiza cuja linha segue até poder cortar para Montalegre passa por Chaves e entra incólume em Vila Real a 16 de Março, com o que se realizou a primeira parte do plano de Saldanha: — concentração no Douro das forças fiéis do Norte.

É escrita durante esta marcha e assinada pelo seu próprio punho esta carta de Saldanha ao barão de Vila Nova de Ourem:

Meu querido Barão. Resolvi passar o Douro logo que me conste a chegada do Casal a essa Villa, e para isso peço ao amigo Vinhaes que venha tomar o commando da Divisão que aqui fica; Pôr-me-hei em marcha para Villa Real logo que saiba quando o conde do Casal lá deve chegar. No entretanto conserve-nos V. Ex.<sup>a</sup> livre a passagem do Douro na Regoa. V. Ex.<sup>a</sup> tomará o commando da força que acompanhou o conde de Vinhaes. De V. Ex.<sup>a</sup> amigo verdadeiro (a) Saldanha. Oliveira de Azemeis 11 de Março de 1847.

Não foi por diante esta idéa do marechal, cujas preocupações aumentaram nos dias seguintes, como se vê desta nova carta escrita de Oliveira de Azemeis no dia immediato ao da chegada de Casal a Vila Real:

seja deferido o seu apêlo... Será preciso que a resistência dos seus soldados seja mais duradora do que a desconfiança imobilizadora dos dirigentes estrangeiros!... Será preciso que as suas relações militares apressem pela firmeza ou pelo brilho as lentas operações políticas das chancelarias aliadas!...

Se conseguirmos resistir dois meses, alguém nos salvará! — é o que diz aquela carta.

Horas amargas deve ter vivido o marechal no decurso desta guerra civil.

Pouco mais de uma semana depois de ter escrito esta última carta, Sá da Bandeira saía do Pôrto pela *foz* do Douro, violando o bloqueio. Dirigia-se com uma expedição para Lagos.

Preparava-se a batalha do Alto do Viso, confirmando o êxito da de Tôrres Vedras. E em 28 de Junho de 1847 a convenção de Gramido puz a termo a guerra da patulêa.

Agora, que rapidamente esboçamos o quadro político e militar em que figuraram aquelas cartas, levando ordens, perguntas, ansiedades, reproduzindo estados excepcionais de almas pouco vulgares, detenhamo-nos um pouco sôbre as figuras do destinatário e do signatário das três primeiras.

José Joaquim Januário Lapa, 1.º barão e 1.º visconde de Vila Nova de Ourém, nascera na freguesia de Belém em 10 de Julho de 1796.

Aos 15 anos sentara praça, como voluntário, no 1.º Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro, para onde fôra com seus pais em 1809.

Premiado quatro vezes na Academia Militar saía de lá oficial distinto, sendo encarregado em 1818 de fortificar a costa da Paraíba do Norte.

Quando veio a independência do Brasil não transigiu. Era português e major de artilharia. Partiu para Portugal.

Nessa viagem sob um temporal violentíssimo, salvou sôzinho as vidas dos passageiros que a tripulação desmoralizada não tinha pejo de condenar.

Valentia e generosidade são os traços característicos do soldado leal a quem Saldanha chamava seu «querido» amigo.

Tomou parte na Belemzada e na revolta dos marechais. Era consul efectivo em 1845; e, terminada a guerra de 1847 foi deputado, governador civil de Lisboa, ministro da Marinha (1848) e governador da Índia em 1850.

O barão da Luz, que assina como Quartel Mestre General, as três primeiras cartas publicadas, chamava-se Joaquim António Velez Barreiros, nascera em S. Julião da Barra no ano de 1802 e fôra aluno do Rial Colégio Militar. Alferes em 1820 assistira ao rebentar da revolução liberal em cujas fileiras se alistara vindo a ser um dos que desembarcaram em Mindelo. Assistiu ao cerco do Pôrto e o seu elogio como oficial fê-lo inúmeras vezes o próprio marechal Saldanha a quem acompanhou em quasi tôdas as suas acções militares.

Aquele ano de 1847 foi-lhe fértil de acessos. Em Janeiro era feito barão de Nossa Senhora da Luz, em Junho promovido a brigadeiro, em Agosto encarregado da pasta dos Estrangeiros.

Detenhamo-nos ainda um pouco na observação das outras figuras desta guerra citadas no decurso do presente artigo. Vejamos alguns dos que se encontram em cada um dos campos adversos cotejemo-las defrontando os seus passados como então se defrontaram as suas espadas.

Pelo Governo?

*Saldanha*: — um nome que enche meio sé-

culo da História de Portugal. Era capitão quando Junot entrou em Lisboa. Demitiu-se e conspirou. Repôs os galões quando viu de armas nas mãos os primeiros soldados de Bernardim Freire e começou a bater-se como um herói. Fêz tôda a guerra peninsular. Combatou no Bussaco, em Salamanca, em Vitória, nos Pirinéus, em Nive, em Bayonne e no sul do Brasil. Aos 27 anos era general, aos 31 governador do Rio Grande do Sul e pouco depois despojava-se de tôdas as honras para não perder a única verdadeiramente digna do seu carácter: — a de ser português...

O conde de Vinhais, Simão da Costa Pessoa, mais velho um ano do que Saldanha, seu companheiro na guerra peninsular e no cerco do Pôrto; um dos de Mindelo; aquele que prendeu o Remexido e que venceu no Alto do Viso...

O conde de Casal, José de Barros Abreu Sousa e Alvim; era um velho camarada de Saldanha e de Vinhais; trazia ao peito medalhas de quatro campanhas da guerra peninsular: — Albuera, Salamanca, Vitória e Pirineus; fizera a guerra do Rio da Prata.

Fiquemos por aqui no campo dos fiéis. E no contrário? Pelos patulêas?

Sá da Bandeira: — mais novo cinco anos do que Saldanha era alferes aos 15 anos, em 1810, e como o seu émulo de agora bateu-se com valentia admirável em tôda a Guerra Peninsular, ficando gloriosa e terrivelmente ferido em Vielle. As catiladas que então recebeu de frente e que o ensurdeceram não o impediram de ser um estudante distintíssimo em Coimbra e em Paris. Liberal em 1820, desembarcou no Mindelo como ajudante de Pedro IV e lutou como um bravo durante o cerco do Pôrto.

O conde das Antas: — que em 1808 era alferes da Leal Legião Lusitana e conquistara por distinção nos campos de batalha os galões de capitão, e pelejara no Bussaco, em Albuera, Nive, Nivelles, Vitória, Orthez e Tolosa e fôra ferido em Vitória, foi também daqueles que desembarcaram na praia de Mindelo...

O barão de Almargem: — outro bravo da guerra Peninsular, herói de S. Sebastian e de Nive, era liberal de Mindelo...

O conde de Bonfim: — batia-se na Rolíça, no Vimieiro, em Orthez e em Tolosa contra os franceses; e após a chegada dos liberais ao Pôrto e a saída de D. Pedro desta cidade fôra o chefe de Estado Maior do próprio Saldanha contra quem se defrontava agora...

Uns e outros patriotas da melhor ténpera; uns e outros guerreiros notáveis da Guerra Peninsular; todos liberais, heróis do Mindelo e do cerco do Pôrto!

E, agora, as espadas que se cobriram de glória na defesa da terra e da nacionalidade, voltam-se umas contra as outras, apontadas aos peitos dos irmãos de armas de ontem; movidos, não já pelo pensamento alto da independência pátria, nem mesmo animados pela miragem filosófica do novo ideal de liberdade política, mas pela cólera cega dos partidos; pela ambição de mandar; pelos interesses restritos das facções, reduzindo a nada o interesse geral da Nação!

Teria sido a educação guerreira d'êstes homens a causadora das lutas civis que tantas vezes foram por êles comandadas?

A experiência diz-nos que não. Mas se a glória bélica dos chefes não pode ser considerada entre as causas determinadas da guerra civil, é de crer que tivesse influido na sua eclosão e no seu desenvolvimento.

Que pensaria das sua estranha posição o velho general Póvoas, antigo alferes da Legião de Honra e de Freire de Andrade, fugido às hostes invasoras de Soult para resgatar o abandono da Pátria voltando enfim contra os franceses as armas com que os servira; que pensaria o antigo general miguelista ao ver-se agora aliado daqueles contra quem se batera doze anos antes e que eram agora os mais avançados representantes das idéas liberais?

Que o teria levado a tão inesperada resolução?

Talvez o desejo de defrontar-se de novo com Saldanha, o seu feliz adversário de Almoester com o qual julgaria ter velhas contas a ajustar...

Não podemos entrar nos corações dos homens; mas devemos reflectir nas lições da História...

RUI CHIANCA



Vista panorâmica da Régua — (Cliché António Teixeira)

## OS GRANDES REBELDES

# D. MIGUEL DE UNAMUNO

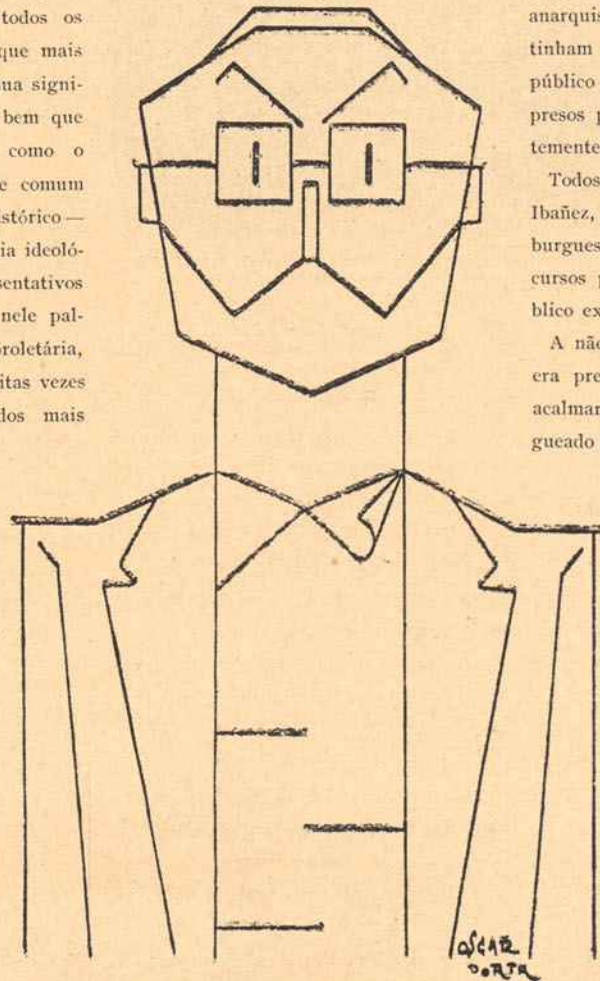
## E OS PROBLEMAS POLITICO-SOCIAIS

Quasi tôdas as inquietações humanas se reflectem na vasta e profunda obra de Unamuno. Nos seus volumes de ensaios estudam-se e analisam-se, às vezes de passagem, sistemas políticos e sociais. De todos os escritores do seu tempo, é êle o que mais tem intervido na vida política. A sua significação foi sempre esquerdista, se bem que dama esquerda moderada. Mas como o illustre professor não tem nada de comum com o liberal ou o republicano histórico—gente destituída de tôda a substância ideológica e às vezes burgueses representativos das piores lacras da sua classe—nele palpita uma preocupação pela massa proletária, uma emoção popular, que falta muitas vezes naqueles que militam em partidos mais extremos.

Unamuno, que não é um temperamento político, tem, no entanto, uma qualidade de grande político: o desejo de proselitismo e a faculdade de fazer prosélitos. É um predicador que convence e um mestre que ensina, porque tem as duas armas precisas: inteligência e autoridade moral.

A sua vida austera e limpa e a sua rectidão de consciencia são a melhor garantia que um homem pode oferecer a um povo. Não é um tipo de classe média, mas um desses caracteres fortes que brotam às vezes da entranha popular; é um epígono daquele indomável Pedro Crespo, imortalizado por Calderon no seu «Alcalde de Zalamea». Por isso sabe dirigir-se a uma massa de trabalhadores, chegando até a trocar as suas fibras mais sensíveis com a sua palavra cálida

e austera. O seguinte facto é uma demonstração bem patente do que afirmamos: encontrando-se no seu desterro de Paris,



Unamuno, visto pelo caricaturista Oscar Porta

organizou-se um comício na «Salle des Societés Savantes». Neste acto, que foi presidido pelo sábio Richet, deviam tomar parte, além de outros oradores, o romancista Blasco Ibañez e D. Miguel de Unamuno. No ambiente político e revolucionário de Paris

êste comício tinha suscitado uma viva curiosidade.

O local viu-se completamente repleto de público muito antes de começar o acto. O anarquismo e o comunismo internacional tinham uma ampla representação naquele público agitado, que pedia amnistia para os presos por delitos sociais, gritando frequentemente: Vivam os Soviets!

Todos os oradores, sem excluir Blasco Ibañez, que pertencia à classe intelectual burguesa, foram interrompidos em seus discursos pelos gritos subversivos daquele público exaltado.

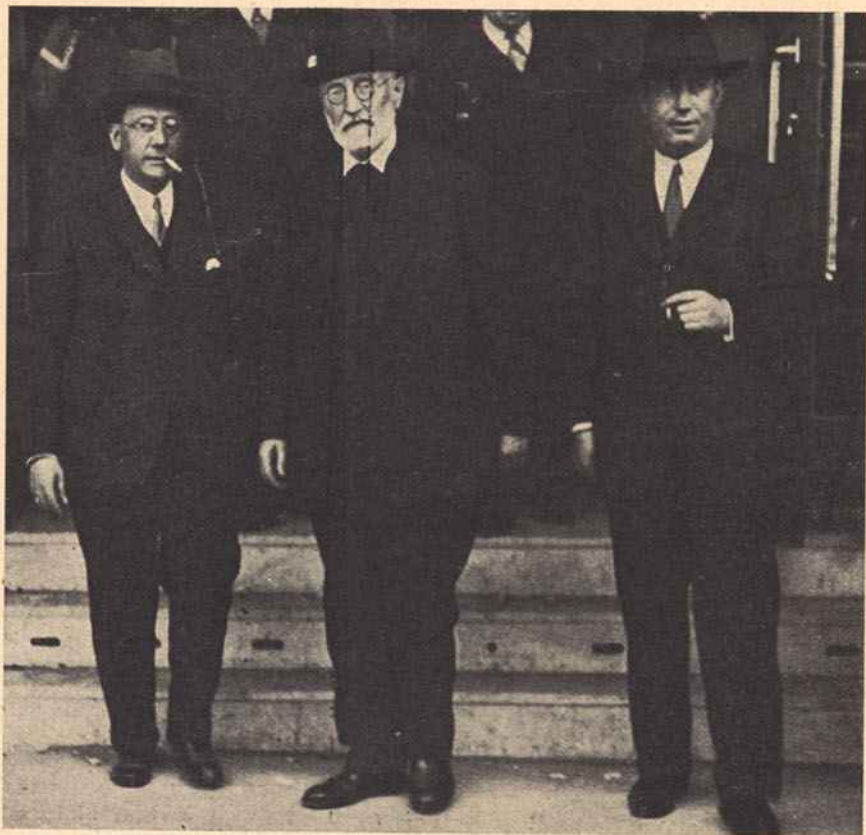
A não ser que se falasse como comunista, era preciso uma grande força moral para acalmar aqueles homens. O ambiente afogueado da sala não admitia discursos dum

radicalismo apenas político: era mister entrar no campo social.

Depois de Blasco Ibañez, que foi interrompido muitas vezes, levantou-se Unamuno. O seu aspecto venerável e a lealdade que irrompia dos seus olhos, bastaram, de momento, para acalmar um tanto os ânimos.

Pronunciou um discurso saturado de espiritualidade e de calor humano. As suas palavras apoderaram-se imediatamente da alma dos ouvintes. Reinou um silêncio profundo, e invadiu a sala uma atmosfera de respeito

para o velho desterrado. Houve momentos em que se estabeleceu entre o orador e o público essa corrente de afinidade e de simpatia humana que se produz sempre que um homem sabe entrar no coração doutros homens. Por exemplo: quando pronunciou



O mais recente retrato de D. Miguel de Unamuno, tirado à porta do Cinema Europa, de Madrid, depois do violento discurso ali proferido pelo glorioso mestre, que deu lugar a graves desordens nas ruas (Foto Orrios).

esta frase genial: «Dizem-me que o general Primo de Rivera, afirma que sou um mau filho da Espanha. Eu, um mau filho? Mas se eu não sou filho de Espanha! Eu sou, como todo o professor, seu pai!»

Queremos recolher aqui também uns parágrafos do seu recente discurso, proferido na Casa do Povo, de Salamanca:

«Homens da Casa do Povo; meus amigos: Outra vez me tendes nesta tribuna, outra vez, que é a mesma vez, me tendes aqui, nesta catedra, que foi para a minha explicação do sentido civil a minha principal catedra em Salamanca, ainda mais que a outra. Na outra acostumava, pela índole do meu ensino, estar um pouco mais à margem de determinadas questões.

Aqui trouxe a esta tribuna o meu espírito de civilismo e o espírito popular.

Nunca poderei esquecer que, quando há mais de seis anos me arrancaram da minha casa, misturado com estudantes, meus filhos espirituais, caminhando sobre a neve, foram despedir-se de mim os trabalhadores. Nunca poderei esquecer aquela despedida nem poderei esquecer a forma como me recebêstes quando regressiei aqui.

Nunca poderei esquecer, repito, a minha

acção, desde que cheguei a Salamanca, junto da classe operária! Nem poderei esquecer nunca aquelas minhas campanhas agrárias pela província, percorrendo as suas povoações, falando numa eira ou numa deveza, debaixo duma azinheira, muitas vezes contra o dono da própria deveza. Nunca poderei esquecer isto, como nunca poderei esquecer que fui eu que meti os trabalhadores na Universidade.

No primoroso medalhão *plateresco*, da fachada da nossa Universidade, vêem-se as efiges dos Reis Católicos e à volta, uma inscrição em grego que diz: «Os Reis à Universidade; esta, aos Reis». Por sinal que um polemista local, melhor um charlatanista, traduziu isto de diversa forma.

Eu digo-vos, em compensação, que há que levar o povo à Universidade e esta ao povo. Aqueles Reis Católicos foram os avós de Carlos V, o primeiro imperador, aquele que afogou em sangue as liberdades de Castela, contenda em que tomou parte, com outros, um curtidor de Salamanca.

Os Reis à Universidade, a Universidade aos Reis.

Não esquecerei nunca, como vinha dizendo, a minha intervenção ao lado da classe

operária salamantina. Não posso esquecer também aquela época da greve de 1917, quando alguns dos que aqui me escutam foram encarcerados, nem como durante algum tempo a minha voz foi a única que se ouvia. Tive sempre uma grande margem para me fazer ouvir.

Não esquecerei também quando, nessa mesma tribuna pude ler uma carta que me enviaram uns sindicalistas presos em Catalunha, com o que pude evitar um crime das feras que os perseguiram.

Não posso esquecer aquelas manifestações do Primeiro de Maio, um pouco litúrgicas, devemos reconhecer, mas nas quais eu tomava sempre parte ao vosso lado».

Estas palavras, que não são circunstanciais, demonstram em Unamuno antigas inquietações e desejos de compenetração com «os de baixo». As suas intervenções neste sentido não foram nunca constantes nem tenazes, porque êle não é um político de acção, mas um escritor denso, requerido e constantemente estimulado pela sua obra. Mas o homem honrado e insubornável que vive em Unamuno não pode deixar sem protesto os factos que repugnam à sua consciência. Os seus artigos incisivos e a sua conferência de «El Sitio», de Bilbao, valeram-lhe o desterro impôsto pela primeira fase da Ditadura espanhola.

É de esperar que Unamuno, novamente em Espanha, continue na sua magnífica e galharda atitude destes últimos anos. Esperemo-lo vivamente. Porque Unamuno talvez não possa ser um guia, mas bem pode ser um símbolo.

FRANCISCO PISA.

(Título e especial para «Ilustrações».)



D. Miguel de Unamuno. (Caricatura de Bagaria)

# A FLORISTA

por ALICE OLGANDO

Vendia violetas à porta dos teatros. Pequeninina, trigueira, grandes olhos negros brilhantes como dois sois que irradiavam vida, alegria, mocidade.

Creio que era feliz. Ninguém lhe conhecera família e ela mesma não se lembrava de ter ouvido falar em tal. Também isso não lhe fazia falta. Brilhava-lhe nos olhos essa alegria que dá a liberdade de que Maria da



Graça era tão sedenta e que lhe custava muitos dias de fome, muitas noites passadas ao frio.

Quem sabe se, por isso mesmo, a guardava tão avaramente.

Vender flores à porta dos teatros, era esta a sua vida. Não tinha história, uma vida simples e pequenina como ela própria. Nasceu por acaso e desde que fôra lançada à rua ganhava com as suas flores o pão de cada dia. Nasceu pura como tôda a gente, e pura se conservava ainda, por vaidade, por defesa, por independência.

João de Castro, o pintor da moda, era um dos seus melhores fregueses.

Interessava-o aquela pequena tão linda, não sabia bem porque, mas interessava-o vivamente. Aos seus olhos de artista, nunca poderia passar despercebida tanta mocidade, tanta formosura e, principalmente, aqueles olhos negros de tão deliciosa beleza. João era o pintor das mulheres.

Não fazia retratos, pintava almas. Mas, rico como era, só pintava quando os modelos lhe despertavam interesse.

Por isso se dizia que tôdas as suas telas tinham uma história de amor.

Talvez por êsse facto, os seus quadros quando apareciam eram o successo de tôdas as exposições, mas, João de Castro não vendia as suas obras, guardava-as para si avaramente, como se guarda uma saúde, como se oculta uma doce recordação.

Naquela noite, como de costume, lá estava ela à porta de S. Carlos, a pequena florista.

— Quer violetas, meu freguês?

João olhou-a nessa noite com maior insistência.

Ela baixou os olhos e insistiu:

— Não quer hoje as suas violetas?

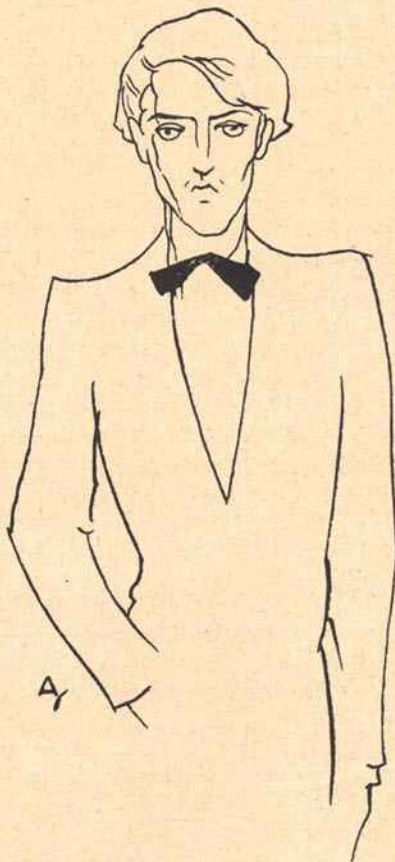
João pegou nas flores e, por momentos, guardou nas suas as pequeninas mãos da florista.

— Como te chamas?

— Maria da Graça.

— Ganhas muito a vender flores?

— Para mim chega.



— Se quiseres posso arranjar-te meio de ganhares melhor a tua vida e até com menos trabalho.

— Como?

— Servindo-me de modelo para um quadro. Queres?

Ela sorriu e respondeu:

— Pois sim.

João deu-lhe a morada, e entre êles ficou apazado que a primeira sessão seria na manhã seguinte.

João de Castro, pum relance, teve o presentimento que iria pintar o seu melhor quadro.



A pequena foi pontual, e, às 10 horas, como se combinara, batia à porta do pintor.

Vinha mais alegre, mais linda, ou, pelo menos, assim pareceu a João.

— Bom dia, meu senhor.

— Bom dia Maria da Graça. Vens linda. Com certeza já te disseram muitas vezes que és bonita.

— Já; mas agora é que ouvi.

— Porquê?

— Porque foi o senhor quem mo disse.

— Que idade tens?

— 15 anos.

— Só? 15 anos!

— E o senhor?

— Eu... eu sou muito velho ao pé da tua mocidade... Mas... vamos ao nosso trabalho.

E foi assim, com os seus andrajos de pobre, os pés em chinelinhas, o cesto das violetas nos braços, que João a quis reproduzir na tela. Assim, simplesmente, sem *pose*, sem belas atitudes convencionais, sem artificios, tal como ela era: pobre, esfarrapada, com os seus lindos olhos, com o seu sorriso, com a sua mocidade radiante. No espaço de dois meses, depois daquela intimidade de todos os dias, Maria da Graça tornara-se amante de João. Foi assim, sem nada pedir e tudo dando em troca que ela se lhe entregara, pura, castamente, como uma noiva apaixonada e terna, porque assim o quis, livremente, como livre era a sua alma, a sua vontade e tôda a sua vida.

A encantadora florista veio trazer com a sua alegria, à vida solitária do pintor, uma alvorada de mocidade.



E ali ficou junto d'êlé, terna e submissa, a ajudá-lo no seu trabalho, a posar para o seu quadro.

O Amor aprisionou-a. Ficou. Disse adeus às suas violetas, arrecadou os seus pobres vestidos de florista. João era para Maria da Graça a única razão de ser da sua vida.

Todos os afectos que nunca sentira por ninguém e que podem caber dentro duma alma de mulher tinham despertado para Ele, mas, como o amor a ninguém torna feliz, Maria era profundamente desgraçada.

Cada retrato de mulher sôbre os quais os seus olhos pousavam, acordava-lhe na lembrança uma história de amor. Cada um dêles reproduzia a imagem vívida duma mulher a quem João tinha amado com tôda a paixão da sua alma de artista.

Cada um dêles representava uma mulher



que tomara ascendente na vida daquele que era para ela a razão da sua própria existência. Foi a beijá-lo que a sua boca aprendeu

a beijar, para êle se tornou mulher, e, até para o amar ela acreditou que Deus lhe concedera o direito de viver.

Mas, antes de a conhecer, João amou outras mulheres, que são tôdas as que neste momento vê diante dos seus olhos: Aquela loira de olhos garços e melancólicos, mais além outra, morena de olhos impregnados de sonho e de saúde, outras e outras, e tôdas tendo nos lábios o sinal dos seus beijos, os mesmos que agora são para ela. Tôdas essas mulheres são pedaços duma alma que Maria da Graça desejaria ter só para si.

Mas João amava-a de verdade, com aquele amor terno e sereno do homem que vai envelhecendo pouco a pouco, com a alma debruçada sôbre uma mocidade radiosa e linda. Como o amor é exigente, desconfiado e mau, o amor de Maria da Graça exigia que êsse homem não tivesse passado, e era essa a única vontade que João lhe não podia fazer.

Quando a viu com o olhar longínquo e triste, João, receoso de perder aquela linda ternura perguntava-lhe dôcemente:

— Já não gostas de mim, Maria?

— Mais do que da própria vida, João.

O retrato ficou pronto, levou um ano, um longo ano a pintar. A «Florista» de João de Castro foi o grande acontecimento da exposição.

João, triunfante e feliz voltou para casa

com o duplo successo que atingira o homem e o artista. Aquela mulher que todos tinham admirado, e quem sabe se desejado, era sua, sua, muito sua.

Amava-o só a êle, por tôda a vida. Entrou em casa, mas pela primeira vez a voz suave e terna de Maria da Graça não disse lá de longe o costumeado «bom dia», o beijo habitual não veio esperá-lo como de costume. Maria da Graça saíra com certeza. Êle então sentou-se num *maple*, leu, esperou, mas Maria da Graça não voltava. De repente viu sôbre a secretária uma carta fechada. Era dela, que bem lhe conhecia a letra, pois fora êle que a ensinara a escrever.

Num sobressalto, João leu:

«Meu amor: A minha missão junto de ti acabou. Concluíste o retrato. Parto. Levo contigo a recordação do teu amor. Parto a chorar, com a alma torturada, perdidas tôdas as ilusões, mas não posso, ouve bem, não posso ficar mais tempo junto de ti. Morreria de desespero. Assim, perfiro morrer de dôr. Fica-te a tua obra, a tua grande obra, eu parto. A minha alma cheia de amor por ti não tolera que a lembrança de outros amores possa ainda viver dentro de teu espírito. Durante o tempo que passei contigo, sendo tão feliz, fui profundamente desgraçada, porque como fantasmas do teu passado, essas mulheres, viviam a nossa vida, não deixavam que por um momento, a minha alma tivesse a quietação a que o meu amor criaria direito. Sei que me amas, que era minha a tua vida de agora mas o teu passado, Deus do céu! o teu passado a quantas pertenceu! Não posso mais e tu não deves sacrificar a tua arte ao meu amor, serei eu então que sacrifique o meu amor à tua arte.

Hoje sou eu que fujo, amanhã seria a tua



alma vagabunda de artista, que me roubava o teu coração de amante.

Adeus. Amo-te, meu Bem, por tôda a vida.

Maria da Graça.

Agosto, 1930.

# Como se ia ao cinema há 25 anos

— O cinema em Portugal, há trinta anos? E o meu entrevistado, que há um quarto de século era um dos mais famosos «dandys» de Lisboa; que possui uma memória viva e pitoresca, tipo amarialvado que cantava o fado e sabia de cór as partituras das óperas que fizeram furor em S. Carlos, começa d'este modo as suas evocações.

— Há vinte e cinco, em Lisboa, o cinema já era quasi um homenzinho. Já havia em Lisboa os animatógrafos que há hoje, menos o Tivoli, o Odeon, o Condes e os dos arrabaldes. Em compensação existiam ainda o Salão da Trindade e o Salão Fantástico. Mas muito antes disto, aí por 1897, o ex-Coliseu da rua da Palma, nos mostrava, em filme, «A guerra de Cuba», «Cargas de cavalaria», «Boca do Inferno» e a célebre «Chegada do combóio», além de outras películas de muito interesse e grande valia para a época.

— Sim senhor! Tirando efeitos dos ruídos e da orquestra como mais tarde no «Ben-Hur» e na «Grande Parada».

«Depois dessa época, todos os anos, o comendador António Santos, no velho Coliseu da rua da Palma e no Coliseu dos Recreios, projectava fitas que é pena se terem perdido, pois eram um documento de grande valia para a história do cinematógrafo em Portugal.

— E a Feira de Alcântara?

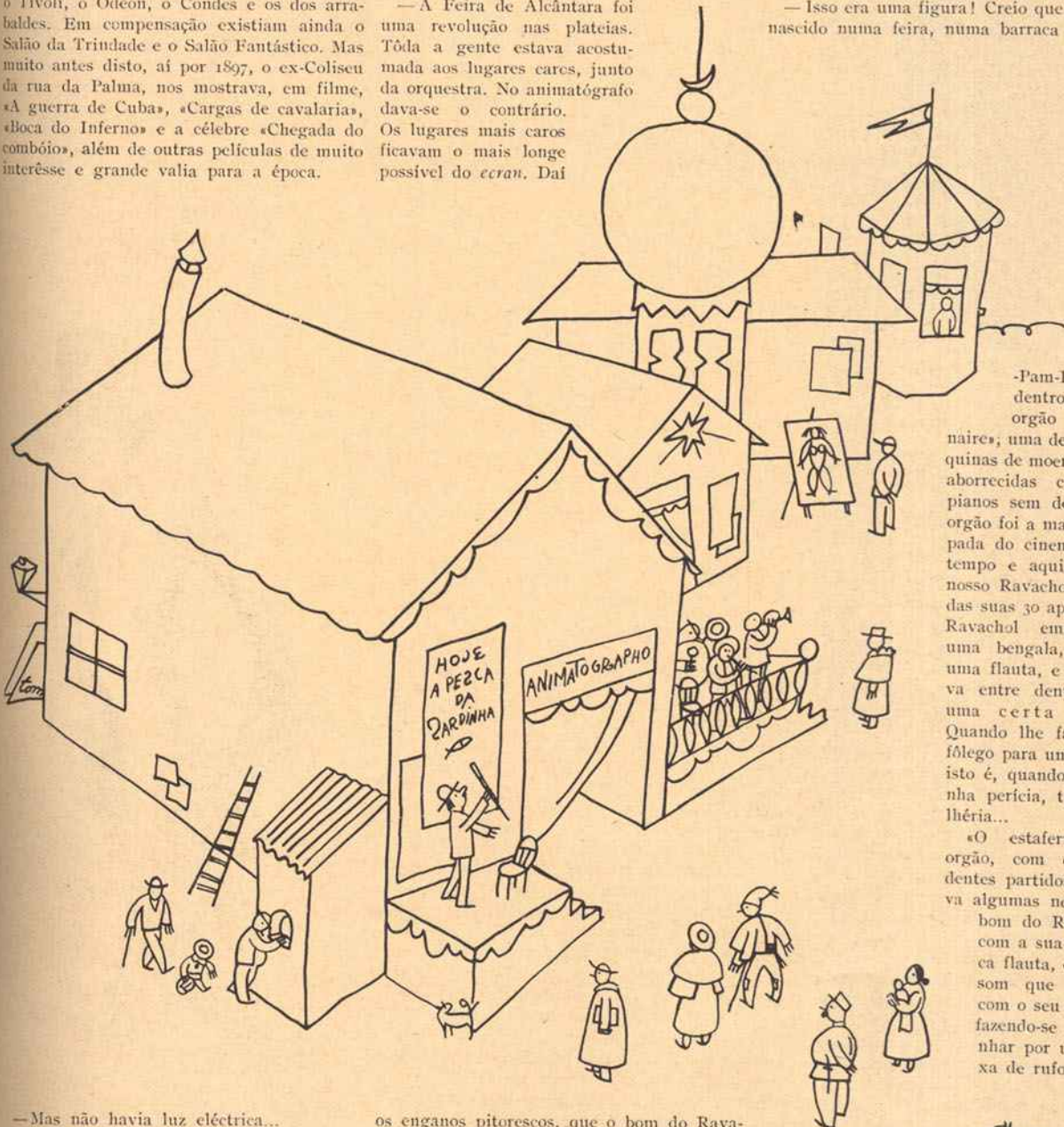
— A Feira de Alcântara foi uma revolução nas plateias. Tôda a gente estava acostumada aos lugares cares, junto da orquestra. No animatógrafo dava-se o contrário. Os lugares mais caros ficavam o mais longe possível do *ecran*. Dai

O CINEMA E O PÚBLICO DE OUTRO TEMPO — «RAVACHOL», CICERONE DAS FITAS, INTRODUTOR DO PÚBLICO E ORGANISTA — DA FEIRA DE ALCÂNTARA AO OLÍMPIA — O CINEMA FALADO — A PRIMEIRA TENTATIVA DE FILMAGEM EM PORTUGAL — O PRIMEIRO GALÃ QUE APAIXONOU AS LISBOETAS — TENTATIVAS DE FILME SONORO — FIM TRÁGICO DA PRIMEIRA FASE DO CINEMA

tempo e salvava tudo. Era um homem de 30 aplicações. Que bons tempos- Que pitoresco! A geral era feita com bancadas de pinho e assente sobre terra batida...

— E quem era êsse Ravachol?

— Isso era uma figura! Creio que deve ter nascido numa feira, numa barraca de Pim-



— Pam-Pam ou dentro de um órgão «Limoinaire», uma destas máquinas de moer música, aborrecidas como os pianos sem dentes. O órgão foi a maior estopada do cinema d'esse tempo e aqui para o nosso Ravachol, numa das suas 30 aplicações. Ravachol empunhava uma bengala, como uma flauta, e assobiava entre dentes com uma certa perícia. Quando lhe faltava o fôlego para um agudo, isto é, quando não tinha perícia, tinha pilhéria...

«O estafermo do órgão, com os seus dentes partidos, falhava algumas notas... O bom do Ravachol, com a sua pitoresca flauta, emitia o som que faltava, com o seu assobio, fazendo-se acompanhar por uma caixa de rufo.

— Mas não havia luz eléctrica...

— Trabalhava-se com a luz oxidrica. Era um pouquinho atrazado mas em compensação já a orquestra e os compassos interiores davam uma boa ideia do sincronismo...

— Do sincronismo?

os enganos pitorescos, que o bom do Ravachol tinha de desfazer tôdas as noites. Isso era muito engraçado. As pessoas de qualidade pretendiam ficar, enganando-se na escolha do lugar, junto do público de pé descalço. O bom do Ravachol é que acudia a







— Era o precursor do «jazz-bands»?

— Talvez! Esse Ravachol fazia prodígios! Quando a bengala deixava de ser sonora, Ravachol, com muita graça, imitava os janotas, e vinha convidar as damas a assistir ao espectáculo. Não se resistia ao Ravachol. Era mais útil que um anúncio luminoso. Foi também o precursor dos alto-falantes, porque, lá *bom falante* era ele.

«O público, o então *respeitável público*, como ele dizia, entrava, seduzido pelos caudais de eloquência, e Ravachol, no fim de tudo isto, ainda explicava as fitas, substituindo com os seus comentários as legendas, alargando-as, chamando sobre si a missão simpática de ser o traço de união, do público que transitava das barracas de fantoches para a futura arte do silêncio.

«Eram bons tempos. O público ria com gosto. Não havia exigências. Diante do *écran* de pano branco, a paixão do animatógrafo confundia burgueses, marujos e aristocratas. Assim esteve o animatógrafo até 1906 ou 1907, isto é, circunscrito às feiras e ao Coliseu, até que em 1907, os irmãos Freire tomaram por 22 contos a antiga capela do Palácio Foz, ao electricista Göttschalk, para instalação, a sério, do primeiro cinema que teve Lisboa, o Salão Central.

«Depois, quasi simultaneamente, inauguraram-se o Salão Fantástico, o Foz, o Chiado Terrasse e o salão da Trindade.

— E fitas?

— Recordo-me da «Mancha de sangue», em que pela primeira vez aparecia a Mistinguett,

com a novidade da «dança apache», a célebre valsa «Chalouppée».

«O noivo em Bolandas», interpretado pelo célebre e infeliz Max Linder, no Foz, e as fitas cómicas, do «Itala Film», em que André Deed, que era Crettinetti, Tontolini e Brouilhard, que faziam rir a bandeiras despegadas.

«Pouco tempo depois, aparecia entre nós o cinema dramático, com as prodigiosas criações da casa «Nordisk Film», companhia dinamarchesa, em que a primeira figura masculina era o célebre Psilander, que criou em Lisboa muitas apaixonadas, as primeiras ci-

em que fazia a dança do urso. Com a vinda a Lisboa de Max Linder, foi a primeira vez que o alfacinha viu, na rua, um operador agarrado à máquina de filmar, enquanto o grande cómico, corria no Rossio, em direcção ao Chiado.

Como fálássemos de cinéfilos e cineastas, o nosso entrevistado recorda:

— Nesse tempo, houve uma tentativa cinematográfica que, como sempre, morreu por falta de capital. Era a «Portugália Film» dirigida por Barbosa Júnior. Chegou-se a montar um estúdio, em vidro e ferro no Bom Sucesso... Mas não foi bem sucedida...

— E os programas?

— O alfacinha que depois de jantar dispuzesse de seis vintens, podia contar que gozava um optimo espectáculo! Por seis vintens, além das fitas que passavam, ouvia-se, num bom lugar, boa música, como no sexteto do Central, que era composto: 1.º violino, José Barbosa; 2.º violino; Canhão; violeta, Ramos; violoncelo, Passos; contrabaixo, Cunha e Silva, e ao piano, Oliveira. Havia, ainda, o salão da Trindade, sob a direcção de Lino Ferreira, em que um duplo sexteto, tocava nos intervalos, peças como o «1812», as «Rapsódias», de Litz, tudo por seis vintens!

ne-filas.

«Aparecia também «Salomé», bailada por Napierkowska, mostrando de tal maneira os tão grandes recursos e a tão superior beleza da gimástica rítmica, que, se não fôra ela, Izadora Duncan não teria mantido uma escola de bailados clássicos em Paris. Napierkowska revelou a beleza da forma das terra-cotas de Tanagra que existem no museu do Louvre, interpretando-os pela primeira vez e educando o público para a justa apreciação da forma e do dinamismo da velha coreografia grega.

E como eu mostrasse que me não era estranho o nome daquela bailarina, diz-me:

Não admira. Napierkowska esteve em Lisboa, no teatro D. Amélia. Veiu com Max Linder, interpretando um «sketch» cómico



—E nos outros?

—O Fantástico, era uma gruta, de stalactites de cartão palhetado a bronzinas de diferentes côres. Era acanhado, quente e escuro. Degenerou nisso a que hoje chamam revistas e assim morreu.

«O Central era um fundo de mar, com búzios, conchinhas, grinaldas de limos e tinha o *écran* colocado na parede oposta à que tem hoje. O Foz era incaracterístico. O Salão da Trindade, êsse desempenhou um importante papel na sociedade alfacinha.

—Qual?

—Acabou com os bailes de máscaras, obrigados em geral, a carrascão e bengaladas. Creio que foi êste salão, quem matou o «Oportuno».

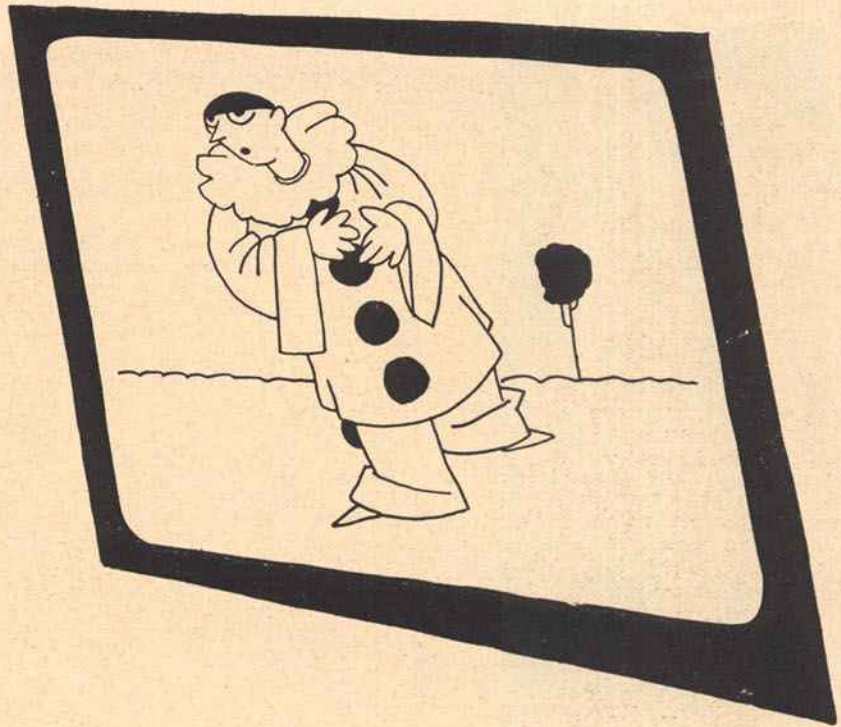
—Mas quem era o «Oportuno»?

—Era o mais precioso auxiliar da boêmia do tempo. Era o homem que, em Lisboa, conseguia arrancar, com qualquer objecto, a maior soma de dinheiro, nas casas de penhores.

—Como o cinema aparece ligado à vida íntima da sociedade do tempo...

—E até à política. O Chiado Terrasse, depois da proclamação da República, viu as suas receitas abaladas. Não sabe porquê? Porque o Chiado Terrasse era o cinema preferido pelas *canastras*, que era assim que se chamavam as lindas lisboetas do tempo e que eram *talassas*...

«Ora os *talassas*, não queriam sujeitar-se à mistura com o público que, arvorando em patriota e defensor do novo regime, maltratava as pobres senhoras. Exageros de neófitos, de uma era nova, a que ainda não se estava



actor fazia personagens com diferentes vozes. Havia especialistas em fazer a voz do cão.

«Contra mestre incendiário» fêz as delicias do público percursor das platéas que vão hoje assistir ao filme sonoro. O seu ilustre colega, na imprensa, A. F. G., que nesse tempo, mostrava versos muito bons, porque era um grande poeta, tinha imensa graça, quando por detrás do *écran*, exclamava, numa scena lancinante:

—Olha esconde-te ali atrás do *alvo-redo*...

«Era de escangalhar a rir, a súbita interrupção dos diálogos, a inesperada mudança de scenas, obrigando a uma variedade, muito pitoresca de vozes e de ruídos. Tão depressa tocava um piano, como ladrava um cão, como se ouvia uma grande vassoira imitando o espriar das ondas.

«Foram os bons tempos do salão do Loreto, e do «Chantecler».

«Essa primeira fase do cinema em Portugal, que marca uma etape curiosa na cinematografia, fecha com dois acontecimentos trágicos.

«A morte desastrosa de André Deed, o célebre Crettinetti, que morreu entalado entre dois combóios, na ocasião em que filmava, e o suicídio de Max Linder, que atacado de funda neurastenia, reconheceu que já não tinha forças para acompanhar o gigantesco passo, que a cinematografia tinha dado e cujas conseqüências foram os formidáveis progressos que atingiu, nos nossos dias, a arte do silêncio.

—...Não obstante o filme sonoro?

—Não falemos disso. Eu sou um homem de outros tempos...

habitudo. Perdoe êste desabafo... Mas eu sou pelo Passado...

«Voltando ao cinema... O animatógrafo tornava-se pouco a pouco um vício. Proporcionava muitos prazeres e era muito barato. Lisboa acompanhava, dia a dia, o progresso do cinema, obrigando a exhibir nos seus *écrans*, filmes da «Pathé», da «Gaumont» e «Itala Film», antes de serem exhibidos em Paris ou Roma.

—Uma das impressões mais fundas do cinema dêsse tempo...

—Foi em 1915, no Condes, com um filme que se chamava «A noite de terça-feira de Carnaval». Nesse tempo ainda os nomes dos realizadores não vinham escritos nos cartazes nem nos réclamos da imprensa. Essa fita fêz com que Almada Negreiros se apaixonasse pelo vulto trágico do pierrot, e que os literatos e plumitivos do *avant-garde* a fizessem conservar no *écran*, por *reclame espontâneo*, mais de 15 dias.

«A propósito do reportório, da escolha de filmes, não deixe de fazer uma referência ao Leopoldo O'Donnell. Não pode ser esquecido. Foi êle, quem com o maior carinho escolhia e apresentava boas festas, para o público selecto que desertou do Terrasse, pelos motivos que já frisei, fundando o Olympia, que era então um salão chique, um centro de elegância e de mundanismo.

—E o cinema falado!

—Isso era muito engraçado. O mesmo



EDUARDO FRIAS.



# Passatempo

## O DOMINÓ MATEMÁTICO

(Problema)

Construa-se com as vinte e oito pedras do jogo do dominó um quadrado perfeito em cujo centro fique uma abertura do tamanho exacto de quatro pedras. Este quadrado deverá satisfazer ainda a mais estas condições: No ângulo superior esquerdo há-de ficar colocado o dobre-dois; no superior direito o três e ás; no inferior esquerdo o dobre-ás e no inferior direito o três e cinco; sendo estas quatro pedras colocadas horizontalmente.

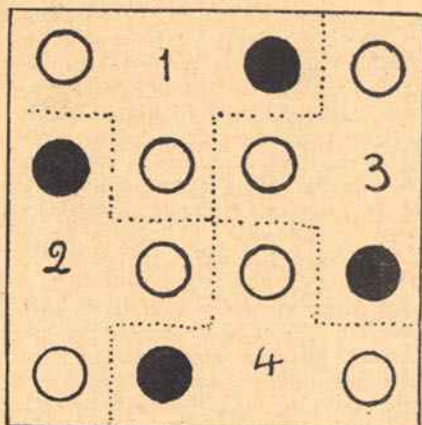
Até aqui nada mais fácil. Agora onde o caso se complica um pouco mais é em que deve ser igual a 21, tanto a soma de qualquer das oito filas horizontais, como a das oito colunas verticais, como, finalmente, a dos pontos das duas grandes diagonais.



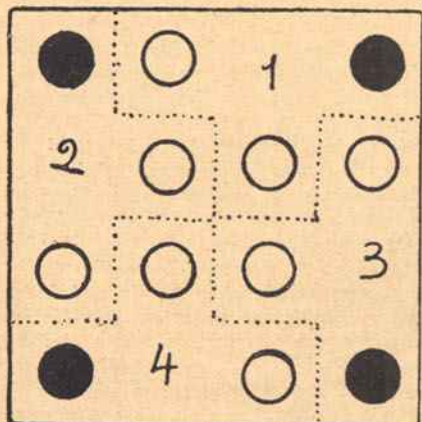
## TRANSFERÊNCIA DE DISCOS

(Solução)

I



2



Divida-se o quadrado conforme a figura 1 e coloquem-se os fragmentos conforme a figura 2.



Além do cãesinho que todos vêem, andam por aqui mais seis animais, bem fáceis de encontrar

## ONDE ESTAVA A DIFERENÇA

Adriana: — O vestido dela é exactamente como o teu.

Clotilde: — Sabes, não me importo que o dela seja uma cópia do meu, mas não gostava nada que o meu fôsse uma cópia do dela.



Um rapaz, de olhar sonhador e todo êle poesia, andava passeando ao longo dum ribeiro, com um amigo, que nada tinha de poético e era, pelo contrário, muito positivo. — Que sono inquieto o dêste regato! Como

êle se agita e revolve no seu leito! — exclamou o poeta.

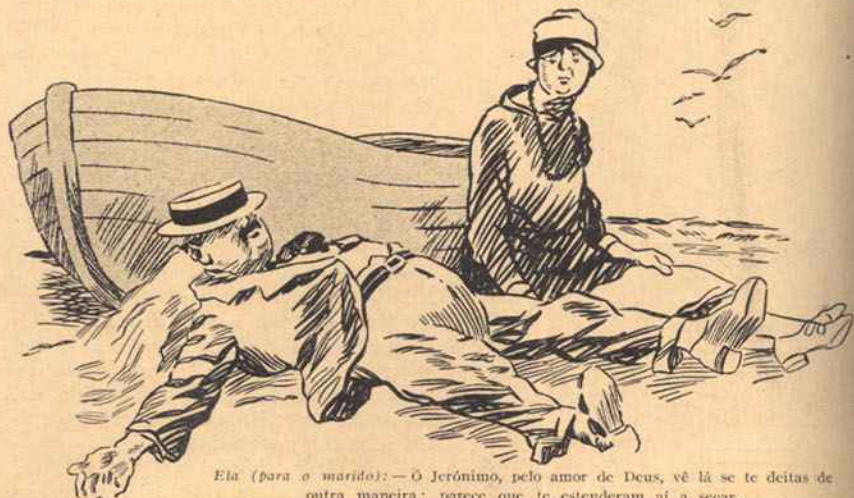
— Que admiração! — retorquiu-lhe o amigo. — Também a ti te havia de acontecer o mesmo se o teu leito estivesse cheio de pedras como o dêle!



## PSICOLOGIA ESTOMACAL

Ela: — É uma atrevida medonha a nossa ccsinheira! Teus coragem para a mandar embora?

Êle: — Coragem tenho; o que não tenho é estômago.



Ela (para o marido): — Ô Jerônimo, pelo amor de Deus, vê lá se te deitas de outra maneira; parece que te estenderam aí a secar.

### A «TORRE DEL ORO»

Esta «Torre del Oro», volumosa e rígida como um bispo com a capa pluvial, vai seguindo, sem desmanchar o círculo de biombos que a formam, e com o seu magnífico nome, que, se nasceu dos azulejos áureos da época mourisca, recorda como no pétreo estojo se encerrava o ouro dos galeões.

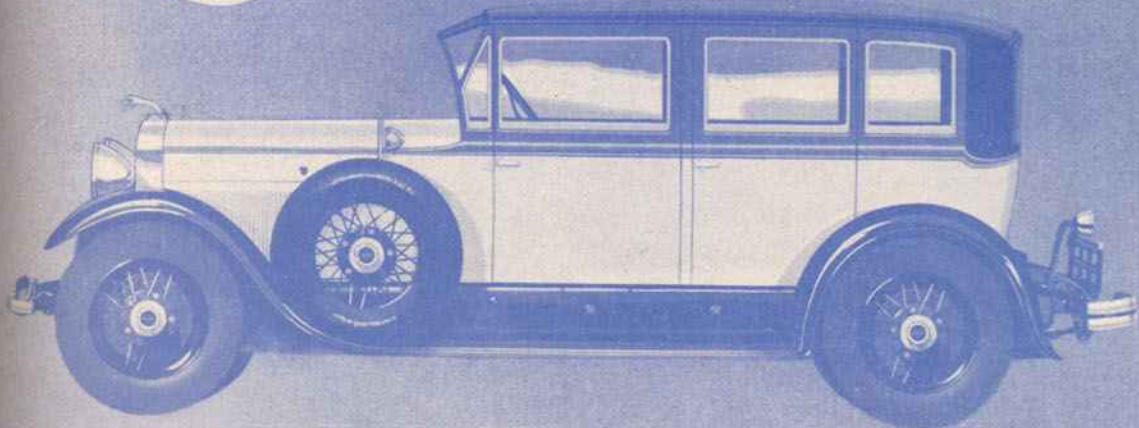
F. GARCIA SANCHIZ.

A «Torre del Oro» evoca riquezas duma época longínqua; o *Lincoln* recorda opulências e sumptuosidades do nosso tempo. Por isso, *Lincoln* é o carro do mundo selecto e abastado. *Lincoln* é o carro moderno que exprime mais exactamente a alta posição, a elegância e a riqueza. Nêle se reúnem as melhores qualidades de funcionamento, linha e cosmopolitismo.

# LINCOLN

Ford  
COCHES Y  
CAMIONES  
Fordson  
TRACTORES

Ford Motor Ibérica  
BARCELONA



---

para  
evitar  
a detonação



738

a experiencia recomenda

**Auto-  
Gazo**

**Gazolina anti-detonante**

VACUUM OIL COMPANY

*Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil*

---